

RIOS NOVAIS

DIVINO SALVADOR DO CAMPO

BARCELOS

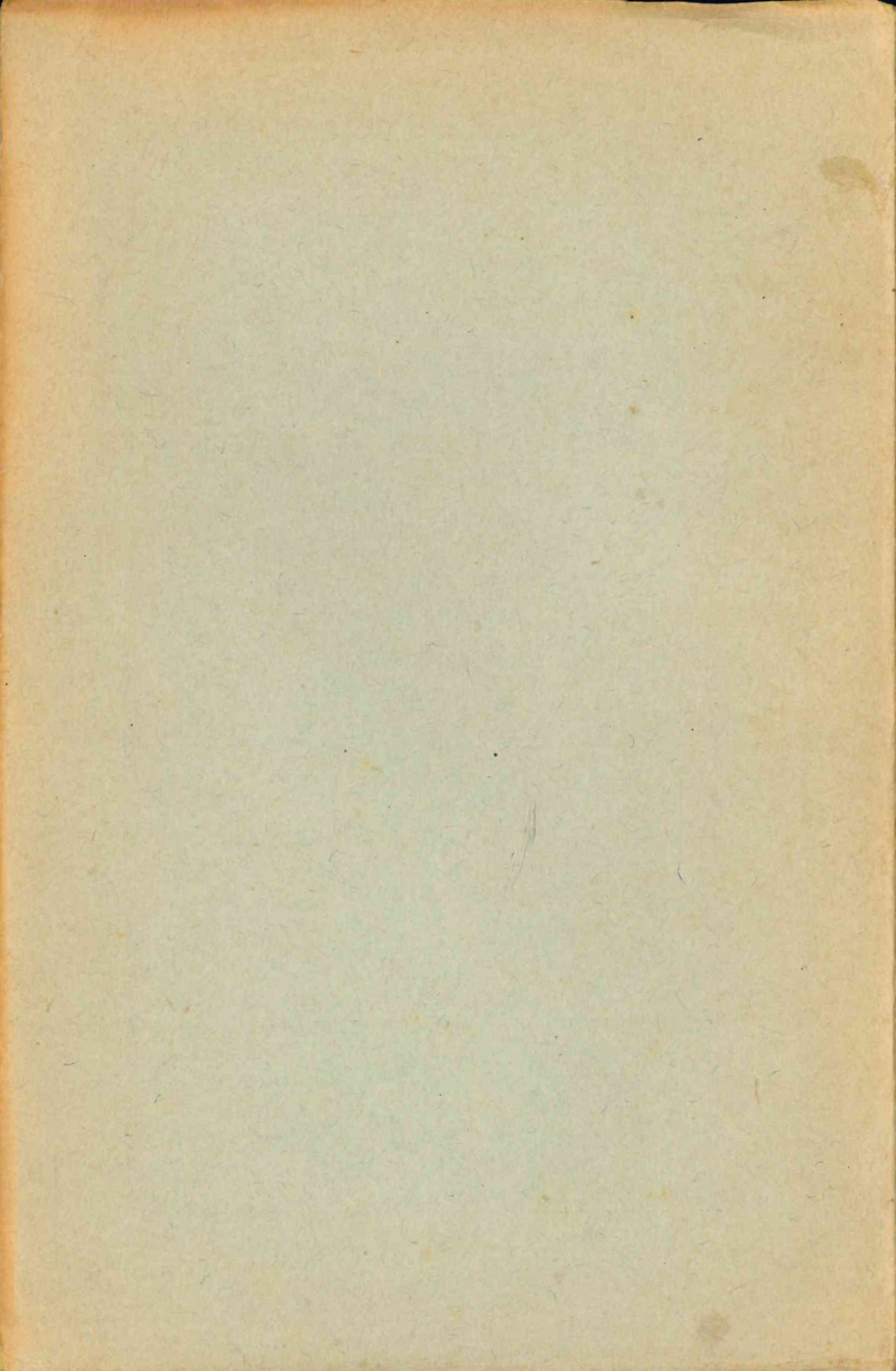
Respigos tirados
do seu Interessante
arquivo paroquial

ss

BARCELOS

1 9 5 1





ARCIPRESTADO DE BARCELOS

PARÓQUIA DE S.^{TO} ADRIÃO

MACIEIRA, 11-10-1951.

▽

Ex.^{mo} Sr. Tenente
Cardoso e Silva:

O correio de ontem trouxe-me uma carta de V.^a Ex.^{cia} em termos tão benevolos sobre os «Pespigos» que me obriga a resposta: Venho pois agradecer-lhe a benevolencia da sua apreciação. Titubiei se deveria ou não publicá-los: Terante a opinião de V.^a Ex.^{cia} e de outras pessoas que prezo e respeito sinto-me satisfeito por ter resolvido assim. Na apreciação publica que deseja fazer eu peço apenas que se digne não ser exagerado. Com ela concordo por me parecer que vai exaltar as muitas boas qualidades do nosso povo e em especial do Campo. De hoje não encontrar

pessoalmente a V.^a Ex.^{cia}, deixarei estas linhas
a traduzir parte do que deixava dizer-lhe.

Seu
Barbosa

De V.^a Ex.^{cia} at. ven. e mt.^o obg.^o

Joze Francisco dos Novais

Recibido en
24. IX. 98
F. ~~Barbosa~~ ^{de}
tu.

DIVINO SALVADOR DO CAMPO

Handwritten text at the top edge, possibly bleed-through from the reverse side of the page.

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

RIOS NOVAIS

*Ao Amg.º e Sr. Tenente Silva
oferece o autor*

José F. Rios Novais

DIVINO SALVADOR DO CAMPO

BARCELOS

Respigos tirados
do seu interessante
arquivo paroquial

SS

BARCELOS

1 9 5 1

Banceliana

C. M. B.

BIBLIOTECA MUNICIPAL

BARCELOS

N.º 34957

Rever.

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS
DA COMPANHIA EDITORA DO MINHO
BARCELOS _____

3208

Como preito de gratidão ao
povo cristão do Divino
Salvador do Campo.

Of.

um dos seus párocos
o Reitor *José Francisco Rios Novais*



Comentário Preambular

Observo que não respeitei a ortografia que está nos livros; mas copiei ipsis verbis. Em meu sentido, encontram-se factos que ainda hoje podiam servir de grandes lições. Vou, porém, reduzir quanto possível os meus comentários, deixando ao critério de cada um a liberdade de tirar as conclusões que quiser. Nesta freguesia houve gente nobre, lavradores ricos e pobres muito honrados. Esta gente tinha por timbre, ainda no meu tempo, nunca faltar à palavra dada; servir prontamente; ser compassiva com as desgraças alheias; caritativa para com os pobres; educada e generosa para com todos; e dum modo particular para com o seu Reitor.

Em todas as classes se encontravam exemplares de avançada idade: não faltavam pessoas de 80 e 90 e tantos anos e

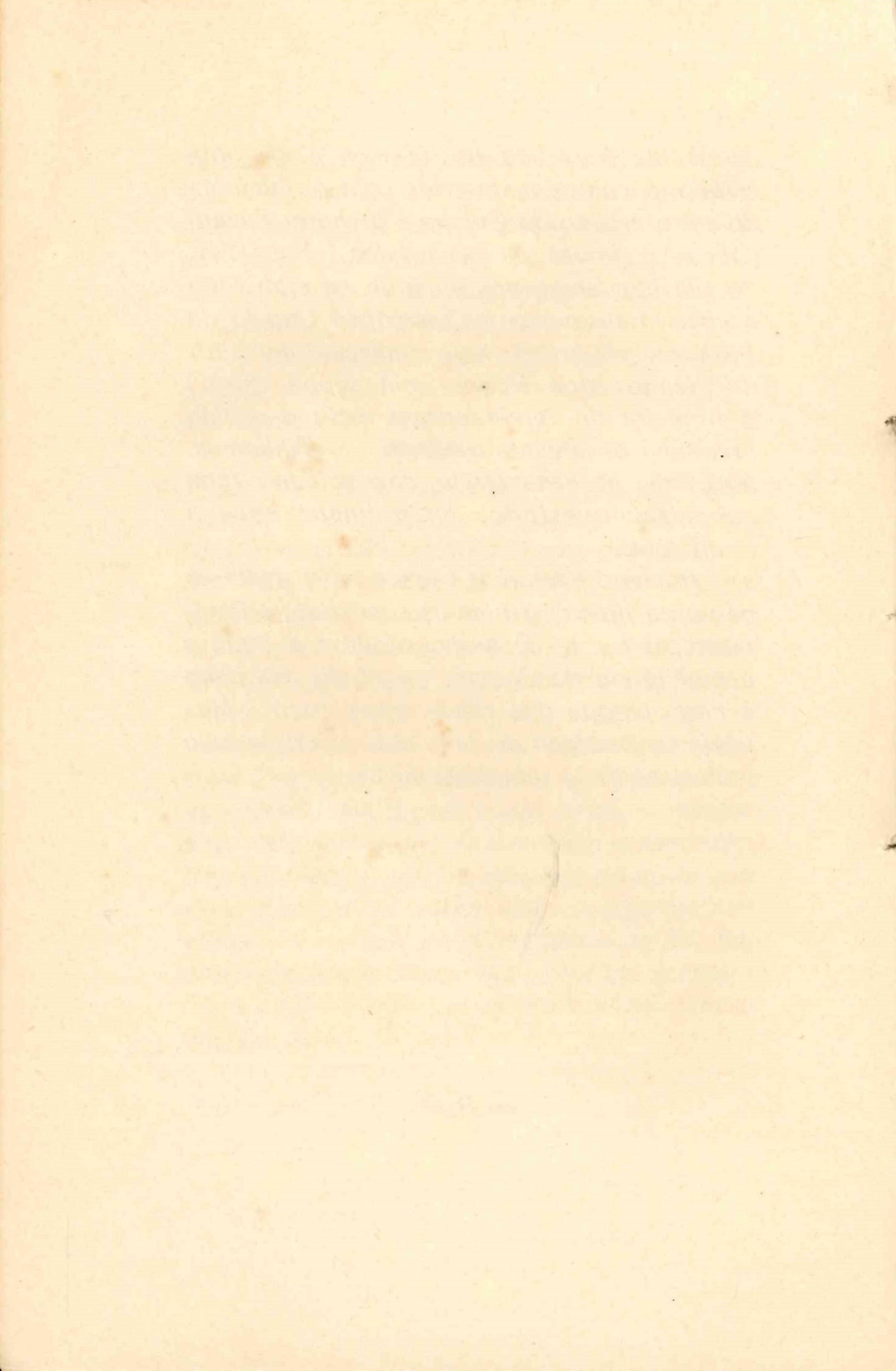
ainda lúcidas e vigorosas, apesar de serem trabalhadoras, mas económicas e frugais, como em regra, nessa época, toda a gente da lavoura. Mostra isto que a freguesia era salubre e também, que nesse tempo havia regularidade na alimentação e na vida.

Também, como facilmente se compreende, alguns dos meus comentários foram redigidos agora.

Da leitura do livro das Visitas conclui-se o que era a Igreja em 1741; e como se foram fazendo obras, indicadas pelos Visitadores, com o ritmo tão acelerado que num período de 36 anos pode dizer-se que foi toda a Igreja substituída pouco a pouco. Em 1777, manda o Visitador fazer a torre, pois o resto, inclusive paramentos, já estava com bastante decência. E intimou a freguesia a que concorresse para esta obra com o terço da despesa e as Confrarias do Senhor e das Almas com as outras duas partes como estavam resolvidas, visto pertencer-lhes o maior e melhor sino. Em 1914 subi à torre a verificar pessoalmente e li, gravada no maior sino, a seguinte inscrição: «Este sino é das confrarias do SS. Sacramento e das Almas da Igreja do Salvador do Campo»; os outros dois sinos têm a era de 1857.

Ainda hoje são os mesmos e em bom estado, a cantar lindamente com as alegrias do povo cristão do Campo e a chorar melancólicos e tristes os seus lutos. Em 1741, « a pia baptismal, precisava de ser rebaixada e coberta de novo ». O arco da Capela do Senhor in via crucis (hoje conhecido por altar do Senhor dos Paços) ameaçava ruína; a fronteira da Igreja estava mal; o cabido precisava de urgente conserto . . . Tínhamos, pois, uma pequena Igreja, com cabido e tudo em péssimo estado, a caminhar para a ruína total.

Primeiro fizeram a Capela-mor; depois o corpo da Igreja; depois as sacristias; e finalmente, a torre. E assim resultou a linda e actual Igreja do Campo, mercê da disciplina e boa vontade dos filhos desta terra. Mas leiam os respigos do livro das visitas e tudo podem verificar minuciosamente.



Divino Salvador do Campo — Barcelos

Respigos tirados do seu interessante arquivo paroquial

Por eles se forma uma ideia exacta dos melhoramentos da Igreja Paroquial nos últimos duzentos anos; e até um pouco do seu estado moral da disciplina eclesiástica e zelo activo dos Ex.^{mos} Prelados.

Em 1907 fui tomar posse de Pároco colado, com o título de Reitor, da paróquia do Divino Salvador do Campo por despacho de 29 de Novembro de 1906, data da Carta Régia.

O meu antecessor — colado (depois dele paroquiou como encomendado, durante uns meses, o Rev.^{do} Domingos Neiva Duarte Pinheiro, natural de Alvito (S. Pedro) Barcelos), foi o Rev.^{do} José Manuel de Sousa, natural de Moure, Vila Verde, que apesar do sofrimento atroz que, durante anos o reteve no leito, atormentando-o

com dores, pouco podendo fazer, conservou, e lá fui encontrar, um interessantíssimo arquivo em óptimo estado de conservação de livros do movimento religioso: baptismos, casamentos, óbitos e róis de desobriga; livro de testamentos; livro de circulares; livro de visitas, com as respectivas notas dos Visitadores. Aqui e acolá colhem-se impressões curiosas, ensinamentos e história da disciplina eclesiástica, do esforço e zelo constante dos Ex.^{mos} Prelados pelo bem das almas, bom nome e moralidade do Clero; e até a evolução dos melhoramentos da Igreja.

Os momentos livres para leitura amena aproveitei-os na leitura vagarosa de todo o Arquivo; fui coligindo os respigos que me pareceram mais importantes. Surpreendido em 1914 pela nomeação para Arcipreste, deixei de ter tempo disponível e guardei os apontamentos que havia colhido, tendo já passado mais que uma leitura a tudo que existia. Em 1925, transitei para Vila Cova; e de lá, em 1950, para Macieira. Os apontamentos dos respigos que colhi acompanharam-me. Claro está que só colhi elementos dos livros que tinha à mão, como fica dito. Não tive tempo, nem meios para outras consultas, resultando, evidentemente, que estes respigos, embora

exactos, são ligeiros apontamentos, verdadeiramente *cascas de alhos*. Sirvam apenas para incentivo de outrém que possa e deseje fazer obra mais erudita. Animo-me a publicá-los porque ninguém é obrigado a lê-los e tenho a convicção de que alguma coisa a alguém interessará. Eis a razão da sua vinda a lume.

Vou alinhá-los do modo seguinte:

1.º — Párocos do Campo, Curas e Sacerdotes da mesma paróquia nos últimos duzentos anos;

2.º — Visitas e apreciações, exaradas no respectivo livro pelos Visitadores;

3.º — Famílias nobres da paróquia;

4.º — Outras Famílias da paróquia;

5.º — Uma ou outra tradição ou lenda que achei interessante;

6.º — E as minhas impressões pessoais e últimas.

Párocos do Campo e Sacerdotes da mesma paróquia nos últimos duzentos anos.

O Reitor desta paróquia António Pimenta Carneiro, como se lê no termo de abertura do livro de usos e costumes, de 22 de Maio de 1728 a 6 de Novembro de 1738, fez, por procuração, renúncia em seu sobrinho Francisco António Vieira Brandão Pimenta. Este sobrinho assina como Pároco o primeiro assento de baptismo a 28 de Março de 1741, primeiro assento de baptismo, no livro que ainda existe na paróquia, é de 8 de Abril de 1738, já assinado pelo Reitor António Pimenta Carneiro, sendo de 23 de Agosto de 1739 o último em que assina.

Reitor Francisco António Brandão Pimenta assina como tal o último assento de baptismo a 27 de Novembro de 1790, falecendo a 16 de Dezembro do mesmo ano, sendo sepultado na Capela-mor.

Em 1741 continuou cura o P.^e António da Cruz Pias que faleceu a 17 de Setembro de 1800.

Francisco Garcia, sendo Coadjutor, baptizou em 7 de Dezembro de 1738.

O P.^e Manuel Ferreira Coelho, desta freguesia, baptizou, a 7 de Abril de 1739, com licença do Pároco.

A 23 de Agosto de 1739 serviram de testemunhas num baptismo o P.^e Domingos

da Cruz Pias, de Carapeços e Domingos João Rosa, desta freguesia.

O Cura António Ferreira do Vale baptizou a 30 de Julho de 1772.

Faleceu este P.^e no lugar da Gandra a 24 de Maio de 1798.

A 24 de Março de 1871, com licença do Pároco, baptizou o P.^e António Ferreira Coelho, desta freguesia.

A 4 de Janeiro de 1801, faleceu o P.^e António Ledo. Com certeza é o mesmo, porque ainda hoje a casa dos Ferreira Coelho é conhecida pela casa dos Ledos.

Ainda consta na tradição a existência destes dois irmãos Sacerdotes existentes naquela família de grandes lavradores.

São primos os últimos Ledos do Rev.^o P.^e Saganha, de Palmeira (?) que ainda conheci. O único indício que na casa existia da passagem por aí de Sacerdotes, era um ferro de fazer hóstias. Conheci os três últimos, já de avançada idade: Manuel, Joaquim e Maria. O Manuel tinha sido discípulo de Mons. Domingos José de Sousa, de quem foi amigo sempre, mas não passou dos primeiros latins. Desequilibrou bastante a administração da sua casa e, sem parentes

próximos, deixou tudo, que ainda era bastante, a Domingos José da Cunha e a António Rego (o Penis), que haviam sido creados e jornaleiros do mesmo. Do Joaquim foi herdeira a Santa Casa da Misericórdia, de Barcelos, com o onus de uma missa dominical pela sua alma e na Igreja do Campo.

O Coadjutor Francisco José de Aguiar Pimenta Carneiro, em 14 de Outubro de 1786 baptizou, sendo Vigário no Couto; e em 26 de Março de 1791 baptizou como Reitor, tendo assinado o último registo a 2 de Março de 1829 e falecendo a 19 de Junho do mesmo ano.

Estes três Pimentas eram *tio, sobrinho, e bis-sobrinho*: O segundo e o terceiro começaram por ser Vigários da pequena e vizinha freguesia de S. Tiago do Couto e ao mesmo tempo Coadjuutores do Campo. Eram fidalgos, como a tradição, ainda viva, me transmitiu. E eram parentes do venerando Rev.^{do} Dr. Félix de Aguiar, Abade resignatário de Fradelos, Famalicão e, graças a Deus, ainda vivo.

Deixaram na freguesia muito bom nome. O último, à sua custa, fez a residência paroquial. Ao quebrar a pedra para esta, no Outeiro de Teidorelha, appareceu uma veia de excelente água, optima para beber e que, sendo considerada propriedade sua, em testa-

mento a deixou à paróquia. Deve ser, por tudo isto, considerado benemérito. O seu legado valorizou muito o passal que ficou a ter a água bastante com a que já tinha da poça de casarmelhe, no tempo de rega e aos sábados. Manuel José do Vale, sendo cura, baptizou a 4 de Novembro de 1791, e faleceu a 3 de Novembro de 1840. Era da casa do Gandra que hoje pertence a José do Vale que tem um filho seminarista no Seminário do Espírito Santo.

O P.^e Luís Baptista Pereira desta freguesia, serviu de padrinho em Julho de 1795. Este P.^e Pereira era da casa dos Marinheiros e tio dum outro P.^e Pereira, Pároco colado nas proximidades de Vizela, e quando percebeu que a sua freguesia passaria para a Diocese do Porto, pediu logo e obteve a resignação do benefício paroquial, para que não deixasse de pertencer à Diocese de Braga Primaz. Dos velhos, como se vê, já houve quem tivesse bairrismo. Eu ainda fui Pároco dum irmão deste último sacerdote que me dizia ter o P.^e morrido novo. Eram dum casa pequena de bens, mas espertos, respeitadores e de boa índole.

O P.^e Domingos Rodrigues Pinheiro serviu de testemunha no mesmo baptizado e eram

ambos desta freguesia. O P.^e Pinheiro era da casa dos Picões, de largas propriedades. E sempre conservaram a tradição de haver Sacerdotes na família. Ainda conheci o P.^e José, que tendo sido encomendado na Silva, faleceu na sua casa de S. João de Vila Boa, depois de estar paralizado de movimentos durante anos. E o P.^e Joaquim, Abade resignatário de Fonte Boa, Esposende, que viveu os últimos anos na sua Quinta de Vila Boa. Também conheci os irmãos destes Sacerdotes: António e Custódia solteiros que faleceram na sua Quinta de Vila Boa, e Teotónio, Maria e Francisco, solteiros que faleceram na casa de Seixomil, e Ana, viúva que faleceu em Casarmelhe. Conservando o tradicional respeito da gente antiga pela Igreja, pelo Pároco (houvesse o que houvesse) pelos parentes e pelos amigos e sendo duma caridade enexcedível pelos pobres. Aquilo, por lá mais parecia, às vezes uma creche, constituída pelos filhos dos jornaleiros e caseiros, ou um asilo de desempregados. Trabalhadores e económicos, quando recebiam parentes e amigos eram duma franqueza e generosidade a toda a linha e alegres. Era apreciável ouvi-los com os primos de S. Pedro de Alvito, quando se juntavam nos seus jantares familiares. Era primo deles

o querido e último Reitor colado de S. Pedro de Alvito, Domingos Rodrigues Neiva Duarte Pinheiro.

Ana Duarte Pinheiro havia casado com Amaro Domingos Grilo. Deste matrimónio houve os filhos Dr. José, Guilherme, Cândida e Zacarias, tendo os três varões falecido muito novos e sendo, graças a Deus, ainda viva Cândida Duarte Pinheiro. Dr. José e Guilherme deixaram filhos que continuaram a honrar as antigas tradições daquela rica e secular família. E são elementos de valor do actual movimento da Acção Católica. Constituindo família, que N. Senhor lhes dê vocações para o Sacerdócio e para a vida religiosa. Para o Sacerdócio, a fim de que na família se reate a cadeia que vinha existindo há duzentos anos.

No capítulo das variedades referir-me-ei a um episódio da vida do Dr. José e outro do Zacarias.

O P.^e Manuel Duarte, do lugar de Galiães, faleceu a 5 de Novembro de 1786. Era da família dos Alvarengas cuja casa desapareceu. O último Pároco colado de Sequiade era seu parente.

O P.^e Manuel José Soares, como cura, assina o primeiro assento de baptismo a 3 de Junho de 1815; e a 6 de Junho de 1829

assina como encomendado; e assina o último assento a 10 de Novembro de 1830.

O Reitor José Maria Rodrigues, natural de Gomide, Vila Verde assinou o primeiro assento a 19 de Dezembro de 1930; e o último a 4 de Setembro de 1853. Faleceu a 15 de Setembro de 1853. Quando o Reitor Aguiar fez a actual residência, conservou da velha, que era a leste da actual, ocupando o espaço que desta vai até ao caminho, uma parte constituída por cozinha e sala, rés-do-chão, onde ficavam a irmã e sobrinha. O quarto do Reitor era o que serve hoje de sala de jantar.

Da parte velha para a nova havia a comunicação por corredor improvisado. Aconteceu que o Reitor, durante uma noite se achou mal, chamou e os familiares não o ouviam. De manhã foi encontrado bastante mal. E isto determinou os paroquianos a fazerem a actual cozinha e varanda no mesmo plano ou andar da casa nova, empregando o material dos restos da casa velha.

A senhora Joaquina Rodrigues da Costa, que é a sobrinha a que me refiro, muito boa alma que aqui casou com o Marques (Tomé), deixou prole numerosa e ainda a conheci velhinha mas lembrando-se e contando-me estas coisas como se as vivesse há dois dias.

O encomendado Manuel da Costa Ferreira natural de Fragoso, assina o primeiro assento a 15 de Setembro de 1853; e o último a 5 de Julho 1854. Faleceu a 3 de Novembro de 1894.

O encomendado P.^e António Lourenço Caridade assina, pela primeira vez, como tal a 11 de Julho de 1854; e a última, a 26 de Setembro de 1854.

É parente do actual Pároco de Vendas Novas.

O Reitor João Alves dos Santos assina o primeiro registo a 28 de Outubro de 1854; e o último a 29 de Novembro de 1855.

O Reitor Joaquim António Vieira assina o primeiro assento a 7 de Março de 1856; e o último a 3 de Abril de 1871. Creio que permutou com o João Alves dos Santos. Assim mo transmitiram várias pessoas que conviveram com o Vieira. Deixou este aqui óptima e saudosa recordação, indo falecer a Gondifelos, Famalicão, como Abade da freguesia em que muito o respeitaram e amaram. Por uma interessantíssima coincidência, possuo o rascunho da sua despedida de pároco do Campo. Deste se vê que foi cheio de saudades e aqui as deixou muito profundas, pois não desapareceram em cerca de 40 anos.

José Joaquim Duarte Pinheiro, como encomendado, assinou o primeiro assento a 27 de Maio de 1871.

Era daqui natural e tendo sido, também, encomendado na Silva, faleceu na sua casa de Vila Boa, tendo assinado o último assento a 4 de Outubro de 1873.

Reitor Manuel de Sousa Ferreira, natural de Moure, Vila Verde assina o primeiro registo a 23 de Novembro de 1873 e o último a 28 de Dezembro de 1904.

Faleceu a 16 de Maio de 1905.

O encomendado P.^e Domingos Rodrigues Neiva Duarte Pinheiro, natural de S. Pedro de Alvito, assina o primeiro assento de baptismo a 18 de Maio de 1905 e o último a 1 de Dezembro de 1906.

O Reitor P.^e José Francisco Rios Novais; natural de Santo Adrião de Macieira, deste concelho assina o primeiro registo a 23 de Janeiro de 1907. Tomou posse deste benefício a 3 de Janeiro de 1907. A carta Régia que o apresentou tem a data de 29 de Novembro de 1906.

Sucedeu-lhe, como encomendado o P.^e António Fernando Miranda da Silva, natural de Quiraz e meu bom Amigo. Começou em 5 de

Abril de 1925 e deixou a 5 de Junho de 1937. Depois, a seu pedido, passou para Capelão para a Abrunhosa (Casa de Repouso), Viseu, donde mais tarde transitou, também a seu pedido, para a Casa de S. João de Deus, Barcelos.

Durante o seu tempo de Pároco reformou-se a residência Paroquial (soalhos, teto e divisões, não sendo preciso bulir nas paredes que ainda se conservam em óptimo estado). Também se soalhou a Igreja e retocaram as pinturas dos altares. Deixou aqui muitíssimas saudades. Sucedeu-lhe o actual Pároco Sebastião Domingues de Sá, natural da vizinha freguesia de Lijó. No seu tempo de Pároco já foi reedificada a Capela de Santo Amaro, no Souto do Rato, a qual ficou muito linda e com novas imagens de Santo Amaro e N.^a S.^a de Fátima. Uma nota curiosa: — Foi no púlpito desta freguesia que o Rev.^{do} Sá fez a sua estreia, como orador, prègando o sermão de N.^a Senhora do Rosário. Graças a Deus ainda vive. No dia 8 de Agosto de 1937 celebrou, como pároco, a primeira missa no Campo.

Duarte Paulino, daqui natural e Reitor de Lijó, faleceu, de 93 anos, a 27 de Agosto de 1883. Era tio do Dr. Joaquim Paulino, que

foi Juiz de direito e tio do Dr. José Joaquim Duarte Paulino que ainda conheci sub-delegado de saúde em Barcelos e que deixou a sua boa fortuna à Santa Casa da Misericórdia. Este médico era amigo dos pobres e dum modo especial das criancinhas que passavam pelo hospital. Num dia em que tinha uma larada delas, já convalescentes, todas sentadas sobre uma «manta de farrapos» no chão, convidou-me e levou-me a ver cena tão encantadora. Admirava este, como uma só Irmã podia manter toda aquela colmeia em boa ordem.

Conheci também duas irmãs do Dr. Paulino: Rosa e Custódia, duas velhinhas que passavam o tempo a fazer bem. Económicas, dos seus rendimentos nada procuravam capitalizar. O Dr. Paulino era casado com D. Elvira Alvarenga do Vale a qual, como seu marido, deixou os seus haveres à Santa Casa da Misericórdia. Era sobrinha do Senhor General Alvarenga, de quem os dois velhinhos conservavam gratas recordações e de quem me contaram um facto que bem aquilata a sua tèmpera e convicções. Estava o General de cama e gravemente enfermo. Pediu os Sacramentos: confessou-se e, quando se aproximava a hora de chegar o Sagrado Viático (o qual naquele tempo vinha com toda a solenidade

e não às escondidas como um criminoso ou ladrão . . .) — o General mandou que lhe trouxessem a farda de gala com todas as condecorações que tinha; pediu que o ajudassem a vesti-la, do que ninguém foi capaz de dissuadi-lo. Amparado foi para a sala de visitas. Quando o Sagrado Viático transpôs a porta, o General perfila-se, ajoelha e comunga. Dá as graças que o seu estado de saúde lhe permite e conclui, já de pé: «É assim que se recebe um Hóspede destes!» Este episódio, para mim, vale todos estes Respigos. Em nossos dias, graças a Deus, o Exército Português tem figuras da têmpera e convicções do General Alvarenga. Do seu tio, Reitor de Lijó contam-se coisas interessantes. Paulinos e Pinheiros, vizinhos, sempre se deram bem, mas isso não obstava a que, por brincadeira, às vezes trocassem a sua partidinha. O Paulino passava o tempo livre de todos os dias e comia na casa de seu irmão e sobrinhos do Campo. À noite ia ficar à Residência de Lijó. Por esse tempo era Abade de S. João de Vila Boa o P.^e José Joaquim Duarte Pinheiro (tio) que para aí fora transferido de Vila Nova de Sande. Apesar de Vila Boa ser benefício de bons rendimentos até a proclamação da República, este Abade peorou em rendimento,

mas melhorou com a aproximação da família e das suas propriedades, herdadas da casa paterna. Naquele tempo era praxe do Clero oferecer um copo de vinho aos portadores de convites para funerais ou festas. Quando o Reitor Paulino era convidado em Lijó, observava ao «chamador» (assim se chamava o que trazia o convite), olha rapaz: eu, como cômô no Campo, aqui nada tenho que te oferecer; e, se estava no Campo, observava: olha rapaz, esta casa é de meu irmão; aqui nada te posso oferecer. Por essa época era vulgar «o visitador» aparecer inesperadamente e bater à porta da residência paroquial. Em certo dia, à noitinha, o Reitor de Lijó sentiu bater à porta e suspeitou que se tratava do visitador. Sem abrir a porta, fingindo o melhor que pôde, voz de mulher, falou: «Quem está lá?» — «Abra, faça favor que é o visitador» — «O Snr. Reitor não está e não tenho ordem de abrir a porta a ninguém». «Além disso, a residência é muito fraca; mas o Snr. visitador segue um bocadinho pelo caminho adiante e está já ali a residência da freguesia de Vila Boa, que é muito grande e boa e com certeza está lá o Snr. Abade». E o Snr. visitador lá foi se não quis ficar ao relento. O Reitor Paulino era muito econó-

mico ; mas uma vez no ano era generoso e recebia òptimamente os colegas, amigos e parentes. Era no dia da festa da padroeira da sua freguesia, N.^a Senhora da Abadia, a sua grande festa, o seu grande dia... Depois do lauto jantar (pelo meio dia) Clero e certa roda de amigos subiam ao sòtão da casa e jogavam.

A esta secção não subiam os dois académicos, já no curso superior e sobrinhos do Reitor, embora também gostassem muito de *micar* e *saltar*.

Em certo ano, quando os parceiros, como de costume, surrateiramente se escapuliram para o sòtão, entre eles foi o Dr. José, que havia terminado o seu curso. Abriram a banca, começaram a «talhar» e, contra o costume, verificaram a falta do dono da casa. Um deles desce a baixo, a ver o que havia e desfecha ao Senhor Reitor: «Então que há Senhor Reitor? Não vem? E o Reitor, furibundo, responde: «Ponde-me de lá fora aquele clínico!» O emissário voltou e ele e os mais procuraram convencer o clínico a sair, comprometendo-se por amor à paz e como prémio de consolação, a noutro dia, e noutra parte onde não estivesse o Snr. Reitor, jogarem eles um pouco. O Dr., rapaz, ia pregando a

partidinha ao velho Reitor, o qual não dava aos sobrinhos, ainda que já homens, a confiança de jogar com eles (1).

Naquele meio, ficou o estribilho, que ainda encontrei em voga: «Ponde lá fora o Clínico», que servia de sinal de que era conveniente acautelar de alguém que estivesse no grupo. Naturalmente passava-se logo a outra conversa.

A desobriga dos Párocos

Um dos livros obrigatórios da paróquia era o *ról da desobriga*. Dele constavam todas as famílias com o seu chefe e membros. E anualmente, se anotavam os que cumpriam os preceitos da confissão anual e da Comunhão pascal, conforme o determinado no Concílio de Latrão. Todos sabiam que a Comunhão Pascal se recebia do próprio Pároco na Igreja paroquial; e todos tinham o zêlo e cuidado

(1) Para descanso dos espíritos assumadiços, o autor nunca jogou o *Monte*. Nem sequer entrou em alguma *vaca*, porque nunca calhou; nem lhe fica pena. E apenas viu jogar este jogo por três vezes, em casas particulares e por pessoas de categoria.

de «falarem ao Ról», para que o Pároco desse o *traço*, a risca (ou impròpriamente desarisca) e assim ninguém figurasse como faltoso. Em nossos dias, o Pároco atestava que cumpriram o preceito todos os que levavam o sinal; que os Colegas paroquianos e ele mesmo também cumpriram. Pois nem sempre assim foi; e a disciplina antiga era mais rívida um pouco, como se conclue do seguinte caso: Em Róis de desobriga de 1700 a 1800 encontrei alguns Róis com o seguinte atestado final: Atesto, com juramento que ouvi de confissão por desobriga o meu Colega F., Reitor do Divino Salvador do Campo. Data e assinatura do Pároco do Couto, ou doutro confessor que tivesse sido. Assim o mesmo Pároco, como se vê, precisava de justificar que também cumpriu.

Visitas e apreciações, exaradas no respectivo livro pelos Visitadores

1741 — Rev.^{do} João Gomes de Távora Abreu, fidalgo da Casa de Sua Magestade, Reitor das Igrejas de Pias e de Nossa Senhora da Lapa, visitador desta 3.^a parte de Nóbrega e Neiva, sendo Arcebispo D. José, visitou esta Igreja em 1741. — Mandou consertar a Igreja, onde chovia, e o arco da Capela das Almas que ameaçava ruína, no prazo de 6 meses e sob pena de 3:000 rs. de multa, paga pelo juiz do Subsínio e das Almas. Que se rebaixe a pia baptismal e se faça uma cobertoura nova.

1743 — A 8 de Setembro de 1743, o Doutor Domingos Fernandes Ramos visitou esta Igreja. Mandou consertar os telhados.

1745 — O Abade José Correia de Oliveira, de Santa Maria de Airão, etc., visitou a 3 de

Outubro de 1745. Mandou que, quando o Pároco for buscar os Santos Óleos, traga escrito do Sacristão da Sé, para provar que são novos. E que nos assentos de baptismos declare os nomes dos avós paternos e maternos.

1746—O Dr. Tomás de Mesquita e Silva, Abade de S. Gens de Calvos, Proto-Notário Apostólico, Comissário do Santo Ofício, etc., visitou esta Igreja a 25 de Outubro de 1746. Achou tudo bem.

1748—O Dr. Pedro Ferreira Botelho, Abade de S. Gens de «Selamonde» e de Nossa Senhora do Rosário de Corvedo, etc., veio a 30 de Agosto de 1748. Mandou que o Rev.^{do} Pároco desse conta dos pecados públicos e escandalos para a punição e emenda desejada. Houve queixa de o sino não tocar para a missa nos dias de preceito. Mandou que o Pároco o fizesse tocar e não impedisse, a tempo de os paroquianos chegarem à missa. Mandou apagar, por impróprio, o letreiro que está aos pés do plinto de Nossa Senhora do Rosário, pequena. Se alguém o tornar a fazer, pagará 1:000 rs.

Os oficiais da confraria da Senhora do Rosário não emprestem o seu andor.

Mandou que se consertem as madeiras do cabido que se acha à porta da Igreja, e os telhados, argamassando-os. Que se calce o cruzeiro pela parte do poente e se conserte ao redor o caminho. Que se conserte a fronteira da porta da Capela de S. Nicolau. É hoje a Capela de Santo Amaro lindamente reedificada em 1947. (Terminou tudo a 22-8-1947).

1750 — Francisco Diodo (?) de Azevedo, Abade de S. Pedro de Escariz e anexa de S. Mamede de Gondiris, veio a 8 de Junho de 1750. Mandou que o Pároco inste com os fregueses para que frequentem os Sacramentos. A fronteira da Igreja está indigna. Mandou que os oficiais façam uma sacristia nova junto à Capela de Nosso Senhor In Via Crucis, deixando uma porta para o púlpito. Que as mulheres se não aproximem dos altares. Esta sacristia é hoje a sacristia da confraria do Senhor, e por ela se pode passar da sacristia paroquial para o púlpito.

1751 — O Dr. Domingos Fernandes Ramos, Reitor de S. Pedro de Mesarefes, etc., veio a 23 de Agosto de 1751.

1754 — Diogo da Costa, Abade de S. Paio de Bestaisos, veio a 11 de Agosto de 1754. Mandou que os fregueses fizessem o corpo da Igreja que se conforme com a Capela-mor, que está feita de novo e deve o corpo conformar-se com a cabeça para que mais resplandeça a decência do templo: dentro em três meses se principie a dita Igreja. E na Capela-mor se porá uma tribuna pois a que tem é velha e não passa de meio para cima (1). O arco da Capela das Almas será feito à custa da confraria das mesmas.

1757 — Fr. José da Costa Albuquerque, professo da Ordem de Cristo, do mesmo beneficiado na Colegiada da Vila de Santarém, Comissário do Santo Ofício, Abade de Santo André de Frades, etc., veio a 28 de Abril de 1757. Insiste pela obra lembrada na visita transacta e do corpo da Igreja. Manda que os officiais do SS. Sacramento façam o trono da

(1) A tribuna actual, que está em boas proporções, consta de seis degraus; mas quem olhar atentamente distingue bem que os quatro degraus da base são mais antigos que os dois últimos que a encimam. Conclui-se por isso que se fez bom serviço sem ser preciso pôr tribuna nova.

Capela-mor. Era Vigário Capitular Fr. Aleixo de Miranda Henriques.

O Dr. João de Barros Lima, Abade de S.^{ta} Cristina de Meadela, Valença, etc., veio a 31 de Janeiro de 1660, sendo Arcebispo D. Gaspar. Manda que o Pároco e Coadjutor ensinem a doutrina a maiores e menores e digam aos Domingos e dias Santos *os actos* antes da missa, bem como à estação. Que o Pároco proceda contra os que forem a esfolhadas, fiadas, espadeladas, servir moinhos, danças e outros quaisquer ajuntos de homens e mulheres, principalmente de noite. Que se não leiam exorcismos sem expressa licença de Sua Alteza. Que nas procissões que se fizerem as mordomas não vão nas alas das mesmas, mas sim no lugar onde costumam ir as mulheres, separadas dos homens (1). Que nos dias dos enterros a freguesia se não agasalhe, como em algumas partes se costuma fazer, por parecer costume mais gentílico que católico.

(1) As mordomas costumavam formar o seu grupo em alas atrás do andor que pagavam, em qualquer lugar da procissão que ele fosse. Era destoante este abuso e chegou até nossos dias; mas, honra lhes seja, este abuso acabou.

1761 — O Rev.^{do} Gabriel Francisco de Araújo e Vale, Reitor de S. Silvestre de Requião, etc., veio a 24 de Julho de 1761.

1763 — José Gomes Dias, etc., veio a 20 de Julho de 1763. Louvou muito o cuidado com que se vai pondo esta Igreja em perfeição, como mostram as obras que estão feitas e se vão continuando; e recomendou que, no douramento que se vai fazendo, se faça em primeiro lugar o do tabernáculo do SS. Sacramento e do vaso em que se conservam as Sagradas Partículas.

1765 — O Abade de S. Tiago de Gancei (ou Ganaeyra) (?), etc., veio a 1 de Dezembro de 1765. Mandou que todas as cruzes dos altares tenham a Imagem de Jesus Cristo; Que os confessionários das mulheres se consertem, pondo-lhes crivos em vez das grades de pau. Que os Párocos ensinem os paroquianos na doutrina e lha ensinem aos domingos, podendo os confessores, certificados disto, ouvi-los de confissão pela desobriga. Que em todas as Capelas e em todas as missas se cumpra sempre aquela obrigação, pelo menos meia hora, *quando venham seis pessoas que às outras missas não tenham vindo*. Que os

assentos de baptismos sejam feitos sempre antes de sair da Igreja. Que são grandes os inconvenientes de algumas mulheres irem *parir* a diversas freguesias, fora, da sua, para encobrirem o seu parto afim de não serem culpadas em visita; mas que, vindo parir a esta freguesia alguma mulher de fora dela, feito que seja o assento de baptismo, o Pároco, com todo o segredo remeterá cópia dele ao Pároco do seu domicílio para que o escreva no livro dos baptismos; e para que se guarde todo o segredo, conserve-se o mesmo livro sempre debaixo de chave e não se passará certidão enquanto houver perigo de culpa à mãe da criança. Que se façam as conferências de Teologia e moral, de todos os Párocos.

1767 — O Dr. António Fernandes Pereira Pinto de Azevedo, fidalgo cap. de S. Mag., Abade de Salvador de Bertandos, etc., veio a 28 de Outubro de 1767.

Mandou que as mulheres na Igreja estejam bem separadas dos homens. Que o Pároco e sacerdotes estudem Teologia mística. Que os oficiais da Confraria do SS. representaram que a Confraria do arco para cima não tem mais obrigação do que dar cera e azeite.

1771 — O Dr. Custódio Amaro Ribeiro, Abade de S. Miguel de Serzêdo etc., veio a 20 de Junho de 1771. Mandou que se use o ritual de Paulo V. Que, fazendo-se a Semana Santa, à noite se fechem as portas da Igreja, mandando-se as mulheres embora. Que os fregueses mandem fundir o *sino* ⁽¹⁾, que está quebrado; e se for preciso conserto no campanário para segurar o novo, se faça. Que os pais dos rapazes, que juntos costumam ir tocar sino se condenem em 200 réis, se forem sem licença do Pároco e oficiais.

1773 — Manuel Correia de Sá, Abade de S. Mamede de Riba-Tua, examinador sinodal etc., veio a 8 de Julho de 1773. Mandou que o Pároco não se atreva a copiar as certidões para outros livros, para que estes lhe fiquem para passar certidões com prejuizo do empregado dos livros findos; que, sendo informado de que nas procissões os andores são muito armados pelas mordomas nomeadas, mais afim de ostentar vaidade do que

(1) Os dois sinos foram pagos pela paróquia e têm a data de 1857.

dar glória a Deus e seus Santos além doutras ofensas que concorrem nesta matéria e que por modéstia calo, mando que se não nomeiem mais mordomas e que os andores, pintados, se ornem só com quatro ramalhetes aos cantos. Em 1907 ainda existia o costume de as mordomas carregarem duma enormidade de toalhas de óptimo linho e labores as mesas ou caixotes em que se colocavam os andores. A recomendação do Visitador foi sofismada um pouco, pois se não enfeitavam os andores, punham todo o seu brio e vaidade em preparar as mesas ou o que servia de mesa, como os próprios confessionários. Eram cestos e cestos de toalhas que se enrimavam, mostrando cada uma uns 5 centímetros. Assim desde o chão até ao nível do andor se podiam contar. Este costume também se reduziu ao justo e razoável, passando-se a empregar uma ou duas toalhas. O bom pano de linho era o brio e preocupação das mulheres desta freguesia, qualidade que eu muito apreciava e tinha muitas vantagens: economia, riqueza, aproveitamento de todo o tempo, preocupação... Não se desperdiçava tempo e cuidava-se da sementeira do linho, através de todas as suas fases até aos apreciáveis bordados do linho já em obra feita.

1772 — Dr. Ricardo António da Costa e Silva, Abade S. Romão de Velha, etc., veio a 2 de Julho de 1772.

Achou que esta freguesia está com bastante decência de paramentos e que tendo ela muito bons sinos se encontram postos em um pau por falta de torre, sendo informado que para a feitura do maior e melhor sino concorreram as confrarias do SS. Sacramento e das Almas, e que estas tratam de fazer uma torre para ele, o que eu muito lhes louvo e agradeço; e manda que na mesma torre se houver de pôr o outro sino da freguesia, concorra esta, a todo o tempo que as ditas confrarias fizerem a torre, com a 3.^a parte da sua despesa. Outra parte para cada uma das confrarias. Em 1914 havia três sinos. Verifiquei pessoalmente *in loco*: o maior tem a seguinte inscrição lavrada: «êste sino é (hé) das confrarias do SS. Sacramento e das Almas da Igreja do Salvador do Campo 1776» os outros dois sinos têm a era de 1857.

Teve (o Visitador) queixa de que os homens e as mulheres, em vez de virem para a Igreja, paravam à cruz das almas os homens para verem as mulheres: «Acabe este costume sob pena de 50 rs.». A cruz a que o Visitador se refere, em 1914 ainda estava no seu

sítio junto da parede do passal pela parte sul e em frente da janela da casa de José da Cruz Pias Júnior; e a cerca de 50 metros da igreja. Que a Capela de S. Nicolau se conserte dentro de 3 meses.

1780 — O Rev.^{do} José Manuel Ramos Bezerra, Abade de S. Romão de Nogueira, etc., veio a 2 de Junho de 1780. Mandou que na porta principal se ponham duas tranquetas com fechadura, de modo a prender as tranquetas. A Capela de S. Nicolau não foi consertada; mas como os fregueses têm gastado muito no sino e torre os alivio. José Maria da Costa, Abade de Salvador de Ruivães, etc., manda pôr porta na torre e no coro. E que o Pároco, dentro de oito dias, remeta à mão do escrivão dos livros findos, o livro de assentos que principia em 23 de Maio de 1682.

Não pude ler a data em que este visitador veio. Mas appareceu entre 1780 a 1784, pois, o anterior esteve em 1780 e o posterior em 1784. As tranquetas e portas lá estão no seu lugar.

1784 — António Manuel da Costa Melo, Cónego e prior em Monserrate veio a 4 de Agosto de 1784. O antecedente voltou a 9 de Novembro de 1786. Mandou que se conserte o caminho do outeiro Dorelha.

1790—Dr. Luís António Tinoco veio a 7 de Dezembro de 1790.

O Dr. Pedro Paulo de Barros Pereira, etc. Faz saber: cópia duma pastoral em que se proíbe que vão imagens nas procissões em que for o SS. Sacramento; e impõe a pena de excomunhão maior a toda a pessoa eclesiástica ou zelador que concorrer para a efectiva transgressão deste Mandato, sem que possa favorecê-los qualquer cláusula geral das licenças que se expedirem.

Ordena que todo o Pároco que daqui em diante viver em mancebia com sua freguesa, provando-se legitimamente o trato ilícito, seja logo pronunciado a livramento ordinário e, sendo condenado, além doutras penas a arbítrio, a seis meses de exercícios na Casa da Cruz (1).

Que os Párocos tomem cada um ano dez dias de exercícios na Casa da Cruz, para o que os exorta e com empenho lhes pede.

1793—O Dr. Melchior Luís de Sousa e Costa etc., veio a 3 de Outubro de 1793.

(1) Evidentemente que estas fraquezas eram rarríssimas, e de nenhum Pároco desta freguesia constou alguma vez ter dado semelhante escândalo. Graças a Deus.

1795 — José Guilherme Lisboa, Abade de S. Paulo de Basto, etc., veio a 16 de Julho de 1795. Diz que o altar do Senhor dos Paços ficava melhor puxado adiante, à face da mesma Igreja, ele que está dentro do arco da parte do Evangelho; mas como há repugnância não manda. Como durante a Missa muitas pessoas se introduzem na dita Capela e daí estão olhando para as mulheres, manda que os officiais da mesma confraria façam uma grade de pau, segura, com chave para a fechar.

Que deem o forro na Igreja *que tem só guardapó*. Do que era esta Capela vêem-se indícios claros da escada que dá para o coro. Em 1907 já o referido altar tinha sido puxado à frente, alinhando com a parede do templo. Desapareceu, como o Visitador desejava e bem, o refúgio que alguns aproveitavam fugindo do corpo da Igreja. A Igreja também estava, nesta data, com pintura razoável, já bastante velha e com os quatro Evangelistas (um a cada canto) de óptima pintura.

Domingos José de Paredes, Reitor de S. Miguel de Lavradas mandou consertar o pé e mão de Santo António de Crestes, e retirar por indecentíssima a imagem de Santa Rita.

Esta Capela (pública) pertence à família Queiroz Barros, de quem alguma coisa dire-

mos a seu tempo. Não se lê a data em que veio este Visitador mas é fácil de calcular o ano, verificando quando vieram o anterior e posterior Visitadores.

1799 — Manuel José Ribeiro, confessor do Santo Ofício, Abade de Cerdal e reservatário da de Louredo etc., veio a 21 de Agosto de 1799.

O altar do Espírito Santo está pobre, mas porque a confraria do Espírito Santo pobre é, pode cedê-lo á do SS. Sacramento, que fará nele um Sacrário para quando houver a solenidade da Semana Santa, mudar para ele o SS. Sacramento.

1802—Domingos Lopes de Faria, Abade de Santa Cristina de Figueiró, etc., veio a 21 de Junho de 1802. Mandou fazer na sacristia uma porta por onde se vai para o coro.

1805 — António Luís Pereira, Reitor de Santa Maria de Adaúfe, etc., veio a 3 de Junho de 1805. Mandou fazer as tampas das sepulturas, de madeira, com cadilhos de pedra. Em 1907 ainda aqui se enterrava na Igreja. Passou-se a fazê-lo no adro até que em 1919 se fez o cemitério.

1806 — Teotónio de Alpoim Lobato, Reitor de Salvador de Mouro, etc., veio a 20 de Julho de 1806.

1808 — O Dr. Bento Dias de Carvalho, veio a 7 de Novembro de 1808. Mandou fazer o acampamento do arco para cima como já está para baixo; e que se ponha a chave na porta que dá para o coro.

1812 — O Rev.^{do} Joaquim Gomes Cerqueira, Abade de S. Fins do Tamel e sua anexa S. Lourenço de Durrães, etc., veio a 12 de Julho de 1812.

1816 — António Ribeiro Alvarenga, Abade de S. João de Vila Boa, etc., veio a 16 de Julho de 1816. Era Arcebispo Fr. Miguel da Madre de Deus. Mandou que os Párocos expliquem e façam compreender ao povo a doutrina e que não deixem de fazer o catecismo. Ainda hoje o povo chama à homília — o catecismo. Recomendou as palestras. Em virtude de a torre se achar em perigosa ruína, mandou que não toquem os sinos a dobrar, sem a segurar. Façam-na as confrarias do SS. Sacramento, Almas e N.^a Senhora do Rosário. Evidentemente tratava-se

dum campanário duma só empena, com sineiras de que ainda existem nas vizinhanças vários exemplares. Desde então a actual torre, levanta-se junto dum cunhal do frontispício da Igreja.

1818 — Domingos José Fernandes, Reitor de Vila Pouca de Aguiar etc., veio a 10 de Setembro de 1818.

1822 — Rodrigo António da Costa Rodrigues, Reitor de S. Tiago de Amorim, veio a 15 de Julho de 1822. Mandou que os Párocos pregassem a seus fregueses as «grandes vantagens que recebemos da nova Constituição política e a obediência ao nosso Amável Rei Snr. D. João VI».

1824 — Manuel José Mendes Monteiro etc., veio em 1824; era Abade de S.^{ta} Eulália de Balbões. Mandou que os Párocos não tenham criadas «notadas» nem outras sem terem a idade competente.

1830 — José Gonçalves de Sá, Abade de S.^{ta} Maria dos Anjos, etc., veio a 10 de Dezembro de 1830. Mandou que os Sacerdotes se abstenham de conversas na Igreja por ser absurdo em qualquer católico, quanto mais

num eclesiástico. E mesmo na sacristia. Ainda chegou até nós um resto deste abuso que, parece-me, terminou.

Dr. Manuel José Ferreira Tinoco, Vigário geral da Vila de Barcelos mandou ler uma circular que recomenda não dar a esmola a pobres sem escrito da autoridade.

O Dr. José Bernardo Coelho da Cunha, Vigário geral dos Vacantes nesta Vila de Barcelos faz saber... «Que o Duque de Bragança, regente em nome da Rainha, por Portaria de 28 de Agosto último, do Ministério do Reino ao Prefeito de Beira Baixa declara que aos Párocos pertence passar as certidões dos assentos das suas freguesias, anteriores à época em que começou o registo civil, em conformidade com o art.º 5.º do decreto de Maio de 1834—Joaquim António de Aguiar. Convém observar que este registo era para os não católicos. Manuel Ramos de Sá, Chantre e Vigário Capitular, insta pelo ensino do catecismo contra a maçonaria, e pelas devoções aos domingos de tarde na Igreja. Esta recomendação, parece-me, veio a tempo. Era de quem estava vigilante e não adoptava a norma da mão estendida. A Igreja sempre foi mestra. O mal está em nem sempre ser ouvida.

1826—Dr. Manuel Leite Pereira, Abade de S. Pedro de Maximinos, etc., tratando do jubileu do Ano Santo de Leão XII — 30 de Junho de 1826.

Fr. Miguel da Madre de Deus, Arcebispo de Braga aconselha em Portaria (cortada no respectivo livro mas conservada no seu lugar) obediência à Constituição de D. Pedro.

Livro das Circulares:

Convém, antes de tudo, observar: que antigamente de qualquer Portaria ou Ordem partia para cada circunscrição eclesiástica um exemplar.

Percorria pela ordem da vizinhança, de freguesia em freguesia, seguindo roteiro preestabelecido. O Pároco da primeira freguesia, escrevia no livro respectivo o dia em que o recebera. Copiava *ipsis verbis* no livro respectivo, e escrevia no mesmo livro a data em que o remetia ao seu colega vizinho. E assim, ia de freguesia em freguesia até chegar ao fim.

Era verdadeiramente «circular». E daí veio generalizar-se e adoptar-se o termo circular para documentos desta ordem, embora,

com as facilidades da imprensa e das máquinas de escrever, se tirem os exemplares precisos para mandar um a cada interessado.

Neste mesmo livro, já se encontram arquivados alguns exemplares destes impressos e que se foram sucessivamente colando. Destes é que alguns estão cortados, embora deixados no mesmo lugar.

Em 1828, o Vigário Capitular — Manuel Ramos de Sá pede dinheiro para o tesouro público para conservar a *ordem antiga e a fé*.

Ao hospital de S. Marcos por Breve de Clemente XI, confirmado e ampliado por Benedicto XIV é concedida faculdade de comutar legados não cumpridos. A 29 de Janeiro de 1792 o Dr. Pedro Paulo de Barros Pereira, por Fr. Caetano Brandão diz: «que entre as graças que o Sumo Pontífice Pio VI concede à Rainha Nossa Senhora, há também a de nomear o seu nome e dos Monarcas que pelo tempo forem neste Reino, no Canon da missa depois do nome do antistite... Os Párocos que cumpram.

Uma Circular de 1823 manda que os Párocos passem certidões sem prévio despacho de seus superiores, não obstante a Constituição, título 2.º Constituição 8.ª número 3, a qual revogamos.

A 20 de Maio de 1742, D. José recomendou ao Clero que use loba, batina, capa preta e talar, etc.; que não use chapéus de presilhas largas, mas poderão usá-los com fita preta e presilha singela; não tragam polvilhos, nem pentes no cabelo, nem fitas nas camisas, nem pedras falsas ou verdadeiras nas fivelas dos sapatos. Nem, passados dois meses, usem mais cabeleiras ou perucas. No cabelo não usem de composições affectadas, nem divisões. Que não andem de noite a tocar viola, sob pena de suspensão *ipso facto*. E por que é possível que alguns tenham em suas casas mulheres moças, com pretexto de criadas, mandamos que, sob pena de suspensão *ipso facto* e multa de 20 cruzados não tenham criada ou mulher na casa, cuja honestidade algum dia se puzesse em dúvida e de menos de 50 anos. Declaramos porém que quando em casa houver mais família feminina, como mãe, irmãs, ou existam parentes em segundo grau, poderão servir criadas de menos de 50 anos, contanto que sejam honestas.

A 20 de Junho de 1762, querendo as tropas Castelhanas invadir Trás-os-Montes, contribuem-se as confrarias para a guerra.

Benedicto XIV concedeu que, pelos fiéis defuntos, perpétuamente (Arcebispo D. José

e Breve *Quod expensis*, de 26 de Agosto de 1778 (?) até às duas horas da tarde, cada Sacerdote possa celebrar três missas.

A 12 de Março de 1782 é anunciada a indulgência semelhante à da Porciuncula a quem se confessar, comungar e visitar o SS. Sacramento, orando pela exaltação da Fé, no dia em que se reza do Corpo de Deus. Arcebispo D. Gaspar.

D. Maria, como governadora e perpétua administradora do Mestrado de Cavalaria e Ordem de N. Senhor Jesus Cristo. 4 de Dezembro de 1794. Mandou, em virtude do que diz o povo do Campo (que afirma ser criado um cura com a Cômgrua de 12:000 reis que por outra mercê Sua (da Rainha), foi elevada a 24:000 reis para dizer a missa dos pastores e administrar Sacramentos). Opondo-se o Pároco a que a missa seja dita a essa hora (nascer do sol) com prejuízo espiritual do povo, mandou que se diga a missa à hora do costume.

A 30 de Julho de 1804 D. Frei Caetano Brandão mandou às confrarias que façam aprovar os seus estatutos sob pena de os eclesiásticos não assistirem às funções delas.

A 20 de Novembro de 1904 veio em visita a esta Igreja o Ex.^{mo} Snr. Arcebispo D. Manuel Baptista da Cunha, sendo Reitor José

Manuel de Sousa Ferreira. Achou em atrazo o Registo Paroquial e mandou pô-lo em dia; e que se limpem as âmbulas dos Santos Óleos e conserte o paramento verde. Como já se disse, justifica estes reparos a grave e prolongada doença do Reitor.

O Prelado concede 100 dias de indulgências a quem rezar três Avé-Marias diante da imagem de Nossa Senhora do Rosário; e outros 100 a quem rezar três Padre Nossos diante da imagem do Senhor dos Passos — lucráveis uma vez por dia.

O forro da Igreja foi pintado em 1864.

A Capela-mor foi estucada a expensas de Amaro Domingos Grilo em 1881.

O altar de Nossa Senhora do Rosário foi pintado em 1905, a expensas de Manuel Pereira Chaves.

O cemitério foi construído em 1919.

APÊNDICE

Quando se deu o terramoto no reinado de D. José, mandou-se proceder a um inquérito a que todos os Párocos do Reino tiveram de responder a respeito dos efeitos sentidos pelo terramoto na sua freguesia. Cada um, dentro

da verdade, respondeu como entendeu, encarando sobre diversos aspectos o fenómeno e resultando assim um precioso documentário que ainda hoje é consultado pelos estudiosos nacionais ou estrangeiros. A resposta do Pároco do Campo é bastante interessante; não é das menos interessantes afirmou-me o Snr. director da Torre do Tombo Dr. António Baião. E até prometeu dar-me uma cópia, se eu desejasse juntá-la a estes respigos, de que lhe falei. Porque, pelas circunstâncias já descritas eles dormiram prolongado sono de quase 50 anos, sem neles pensar mais, não aproveitei tão generosa oferta. Por mim, ao relembrar esta referência, não quero passar adiante sem deixar aqui exarado o meu preito de admiração e veneração pela cultura e são patriotismo do Clero de Portugal e designadamente pelos meus antecessores na paroquialidade do Campo.

Famílias Nobres da Paróquia

PAROQUIANOS MAIS ILUSTRES

Crestes

Assim é conhecida esta casa e quinta. Mas segundo a opinião do erudito Venerando Rev.^{do} Dr. Santos Mota, meu professor, deve escrever-se Creste. Para tirar umas dúvidas a respeito dum estudo sobre Sá de Miranda, estudo em que andava empenhado com D. Carolina Michaelis concluíram que Creste era abreviatura de Crescente. Mas que aquele té da abreviatura foi caindo até ao nível da primeira sílaba. E assim ficou Creste, acrescentando-lhe depois o povo mais um s. Que Crescente foi quinta doada pelo Rei ao Sá de Miranda que depois foi para a Tapada (1). Mas vamos, por hora, adiante.

(1) Esta Quinta da família de Sá de Miranda, aí pelas alturas da dominação espanhola, passou por

Luís António, filho legítimo de Manuel de Magalhães Cardoso de Barreto Galião e de

venda à família dos Pinheiros, de Barcelos. E destes é que passou aos seus actuais possuídores.

Do Ex.^{mo} Snr. e erudito Major Mancelos Sampaio, meu respeitável amigo, quando os «respigos» entravam no prelo, recebi o apreciado apontamento que segue e «muito agradeço...».

«A Quinta de Crestes, em S. Salvador do Campo do concelho de Barcelos, era na primeira metade do século xv da 1.^a Duquesa de Bragança D. Constança de Noronha, 2.^a mulher em 1420 do 1.^o Duque de Bragança D. Afonso 8.^o Conde de Barcelos.

Essa Quinta foi dada em dote, pela Duquesa, a D. Felipa de Sá filha de Rodrigo Anes de Sá Cavaleiro da Casa Real e de sua mulher D. Luisa de Barros. Estes «Sás» eram os Senhores de Sever, Tronco de altas nobresas de Portugal; os «Barros» eram de Buarcos na foz do Mondego.

D. Felipa de Sá, afilhada da 1.^a Duquesa de Bragança, casou em 1450 com João Gonçalves de Miranda, dos «Soto-Mayores» da Galiza (em português «Soutomaiiores»), q̃ passou a Portugal com o fôro de Cavaleiro-fidalgo em 1474, nas «Listas de Moradia» da Casa Real, confirmado em 1477.

Eram os «Soutomaiiores» Senhores da Casa-Solar de *Crescente* ou *Crecête* na Galiza. Por isso João Gonçalves era conhecido por «João Gonçalves de Cres-

D. Mariana Rosa de Lima Meneses, nasceu a 7 de Maio de 1742 e foi baptizado pelo

cente» e a Quinta de sua mulher, onde viveram, por «Quinta do Crescente».

Por abreviaturas, do escrever rude dos escribas desses tempos, a palavra «Crescente» aparecia escrita «Cres.te» em documentos e inscrições. Com o tempo fixou-se a abreviatura em «Crestes», como ainda hoje se diz e escreve. No começo foi pois propriedade dos «Sás Soutomaiors», q̃ viveram em S. Salvador do Campo, em Buarcos e em Coimbra. Há muita descendência de João Gonçalves = o de Crescente = e de sua mulher D. Felipa de Sá, hoje em representantes de familias de autentica fidalguia, muito ramificadas.

Decerto só interessa, no estudo da Freguesia, a interessante origem do nome da «Quinta de Crestes.» A parte, propriamente génealógica, está, muito bem estudada, na obra «O Poeta do Neiva» do falecido Dr. José de Sousa Machado, de Braga.»

Mens de Sá que pelos *Brazis* andou «dilatando a fé e o Império», Sá de Miranda e Sá da Bandeira, todos irmãos, nasceram na casa de Crestes. O portugês que no Santuario da Penha, no Brasil, tanto tem honrado Portugal, a Igreja, e a gloriosa Arquidiocese de Braga e a própria batina — Mons. Rocha — exultou de alegria quando descobriu um documento autêntico donde consta este facto. Na sua última vinda a Portugal, Mons. Rocha quis ver a linda aldeia onde nasceu Mens de Miranda; aproveitando também esta occasião para

Abade de S. Fins (1) Francisco de Sousa Meneses.

Foram padrinhos Francisco de Sousa da Silva Alcoforado com procuração que apresentou D. João Manuel de Meneses, de Santa Marinha, arrabaldes de Ponte do Lima e D. Maria Rosa de Meneses, sua mulher. Foram testemunhas Miguel Carlos de Magalhães Vila-Lobos de Lima, de Arcozelo, Ponte do Lima, e Manuel Félix Barbosa, de Aborim.

Jacinto, filho dos mesmos, nasceu a 29 de Julho de 1743, sendo baptizado por Bento

visitar a família de um dos seus auxiliares, na Penha, embora humilde, — o motorista José Salgueiro.

Mons. Rocha foi digna e festivamente recebido pelo povo e Pároco do Campo. Mons. Rocha agradeceu num belo discurso. O Pároco também falou, bem como um jovem.

Mais tarde, José Salgueiro contou-me a alegria que sentiu Mons. Rocha com esta descoberta. São estas coisas, que embora pareçam pequenas, acendem nas grandes almas as labaredas do amor da Pátria, quando distantes dela.

(1) Sem dúvida, este Abade é o que na Capela-mor da Igreja paroquial de S. Fins de Tamel tem sepultura com armas e respectiva inscrição.

de Sousa, Abade de Santa Maria de Galegos. Padrinhos Luís Carlos Vila-Lobos de Lima e Maria Ana Luisa de Meneses, filha de D. João Manuel de Meneses, com procuração apresentada por D. Antónia Maria de Melo Sampaio. Testemunhas—João Barbosa Calheiros e Luís Carlos Vila-Lobos de Lima.

Manuel, idem nasceu a 3 de Janeiro de 1745. Baptizou-o Gaspar de Sousa Meneses, Abade de S. Pedro do Couto de Capareiros. Padrinhos Sebastião Luís de Faria e D. Maria Josefa Luísa Donna de Barcelos.

D. Maria, filha de Manuel Magalhães Curado Barreto e D. Maria Rosa de Lima, neta paterna de Jacinto Curado da Costa, de Viana, e de D. Maria Curado Barreto, de Ponte de Lima, e materno de Luís Carlos Vila-Lobos Lima e D. Luísa Teresa de Magalhães, nasceu a 20 de Agosto de 1748. Baptizou-o Fr. Lucas de S. José e Meneses, religioso de S. Bento. Foram padrinhos o P.^e Baltazar Malheiro Ruimão (Capelão Fidalgo da C. R. e D. Prior de Barcelos).

D. Josefa, filha dos mesmos, nasceu a 2 de Março de 1750. Baptizou-o Abade de S. Fins. Foram padrinhos Vicente Pi-

nheiro Figueira Lobo da Guerra, de Pindela, S. Tiago da Cruz, termo de Barcelos, e D. Leonor Vitória de Magalhães, de Revorido, S. Fins (1).

Fez testamento a 20 de Maio de 1816. Transcrito a 14 de Setembro de 1818, instituindo herdeiro seu irmão Jacinto, com legados a vários criados. Deixou officio geral e esmola de 300 rs., vela e colação e as missas a 160 rs. Devo notar que ainda vim encontrar o costume de nos officios fúnebres de pessoas de mais haveres se oferecer vela e colação, que consistia em pão trigo, queijo e vinho e, às vezes, também doces e vinho fino. Compreende-se que tal costume, noutros tempos, tivesse razão de ser, pois as distâncias de que o Clero vinha eram enormes, muitas vezes, de três e quatro léguas e os caminhos péssimos, gastando no serviço religioso e na caminhada o dia inteiro, algumas vezes. Por me parecer desnecessário na época actual e consultadas algumas pessoas, acabei com este costume.

(1) A Quinta do Revorido pertence actualmente à família Lindoso, de Guimarães.

Bernardo da Silveira, assistente na Quinta de Crestes, faleceu, tendo recebido todos os sacramentos, a 15 de Dezembro de 1841.

José Lima faleceu, na mesma Quinta, a 5 de Janeiro de 1836.

A 27 de Setembro de 1823 casou Jacinto de Magalhães Barreto Lensões e Menezes, do Campo, com Joana Luiza de Melo, viuva de Francisco António.

D. Maria Rita de Magalhães Lensões Barreto e Menezes, filha dos antecedentes, casou em S. Mamede de Arca com o Dr. João Roberto de Araújo Queiróz, filho do Dr. António Roberto de Araújo e de D. Francisca Benedicta de Macedo Queiróz, de Ponte do Lima.

Esta Casa é o solar dos Senhores Magalhães Barros, de Ponte do Lima, Magalhães da rua dos Plames, Braga, donde descende o Snr. Dr. António Queiróz, de Viana, Chefe de numerosa família que honra as nobilíssimas tradições de seus antepassados.

Na capela da Quinta, liturgicamente pública, cujo padroeiro é S.^{to} António numa pedra do frontispício está gravado o nome da pessoa que a mandou construir. Esteve muitos anos a inscrição coberta com calça. O Snr. Dr. António Baião, director da Torre do Tombo e

casado com uma filha do Senhor Conselheiro Francisco Roberto, fazendo por isso parte da família, e lendo na mesma Torre do Tombo qualquer referência à mesma quinta e Capela, concluiu que existia a referida inscrição. Quando, no ano seguinte, veio passar a Crestes, solar dos seus sogros, o mês habitual das vindimas, mandou picar a caliça e teve o prazer de encontrar a curiosa inscrição. Ele mesmo, com cuja amizade eu muito me honrava e honro, mo contou.

A inscrição diz assim: «Esta Casa mandou fazer D. Brites de Menezes Senhora desta Quinta. Era 1:600». Actualizei a ortografia. Em Salvador do Campo, além desta Capela, existe a Capela pública, no souto do Rato e ultimamente reedificada. É certo que ainda estava em ruínas quando o Senhor Dr. Teotónio da Fonseca colheu os elementos para a sua obra «Concelho de Barcelos Aquém e Além Cávado». Congratulo-me em verificar que os meus respigos em nada estão em contradição com a obra citada, embora coligidos em época bastante anterior à da publicação da mesma obra.

Casa do Rato

A 18 de Março de 1742, foi baptizado Manuel José, filho legítimo de António Pinto de Azevedo e de Leonarda Maria Teresa, da Quinta do Rato, pelo P.^e Luís da Cunha, de Ponte do Lima.

Mariana José, filha dos mesmos, nasceu a 22 de Março de 1744.

Jerónimo, filho de Bernardo Pereira e de Maria Luísa, do lugar do Rato; neto paterno de António Pereira, natural de Salto (S.^{ta} Maria, Barroso) e de Maria Francisca, solteira e materno de Manuel Barges da Silva e de Jacinta Macia, morreu a 8 de Abril de 1762.

Francisco, filho de João Pereira de Brito e de Rosa Maria de São Paio, do Rato, neto paterno de Manuel Pereira de Brito e de Isabel Gonçalves, de Salto, Montalegre, nasceu a 13 de Novembro de 1762; casou com Maria Francisca Pinheiro do Vale e faleceu a 20 de Maio de 1844. No seu testamento determinou que fossem celebradas 500 missas pela sua alma, 500 pela de sua mulher, 100 pela de seu pai, 100 pela de sua mãe, 50 pelo irmão, Abade de Oleiros, 50 pelo irmão Teo-

tónio, 50 pelo irmão Manuel, 50 pelo irmão Fr. Francisco, 50 pelo pai de sua companheira, 50 pela mãe, 50 pelo seu padrinho, 50 pela comadre de Merouces. Sua esposa faleceu a 13 de Fevereiro de 1831.

Luís, filho dos mesmos, neto materno como o anterior de Alexandre da Costa e de Antónia Machado, de Sandiães, nasceu a 23 de Junho de 1764.

Teotónio, idem, nasceu a 1 de Outubro de 1765.

Agostinho, idem, nasceu a 8 de Abril de 1770.

Ana Xavier, idem, nasceu a 3 de Novembro de 1771.

Manuel, idem, nasceu a 23 de Dezembro de 1775.

Manuel, filho de Francisco Pereira de Brito e de Maria Francisca Pinheiro do Vale, do lugar do Rato, neto paterno de João Pereira de Brito e de Rosa Maria de Sampaio, e materno de António Francisco e de Maria Francisca, nasceu a 14 de Outubro de 1786 e casou com D. Maria Joana Machado Carmona.

Ana Maria, filha dos mesmos, nasceu a 2 de Dezembro de 1788 e faleceu a 28 de Outubro de 1852.

Rosa, filha dos mesmos, nasceu a 8 de Novembro de 1791. Casou com Bernardo António de Veloso e Miranda.

Ana, filha dos mesmos, nasceu a 26 de Julho de 1795. Casou com Francisco Veloso de Sá Barreto, a 6 de Novembro de 1820.

D. Ana Machado Carmona Pereira de Brito, filha legítima de Manuel Pereira de Brito e de D. Maria Joana Machado Carmona, neta paterna de Francisco Pereira e de Maria Francisca Pinheiro do Vale e materna de Diogo Machado Carmona e de D. Maria, de S. Pedro de Alvito, nasceu a 3 de Março de 1813.

Maria, filha de Francisco Veloso e Sá Barreto e de D. Ana Pereira de Brito, do Rato, neta paterna de João Veloso Pereira Barreto e materna de Francisco Pereira de Brito e de Maria Pinheiro, nasceu a 29 de Outubro de 1821. Casou com Manuel Pereira de Brito, de Carapeços, a 11 de Fevereiro de 1850.

Rosa, filha dos mesmos, nasceu a 8 de Março de 1828 e casou com Luís, filho de Bernardo António de Veloso e Miranda e de D. Rosa Pereira de Brito, neto paterno de Gonçalo José Veloso de Miranda e Matos e D. Liberata Maria Falcão, de S. Martinho de

Gandra, Esposende, e materno de Francisco Pereira de Brito e de D. Maria Pinheiro, do Rato. O Luís nasceu a 16 de Dezembro de 1821 e faleceu a 2 de Outubro de 1903, tendo casado a 28 de Julho de 1853.

António, filho natural da D. Maria Rita, solteira, da Quinta do Rato, neto materno de Francisco de Sá Barreto Veloso, e de D. Ana Pereira de Brito, nasceu a 3 de Junho de 1846.

Maria Clara, filha de Manuel de Brito e de D. Maria Pereira de Brito, neta paterna de Isabel, de Carapeços, e materna de Francisco de Sá Barreto, de S. Mamede de Escariz, e de D. Ana Pereira de Brito, nasceu a 13 de Agosto de 1850 e faleceu a 8 de Abril de 1860.

Rosa Maria, filha dos mesmos, nasceu a 4 de Setembro de 1853 e casou com Joaquim Dias Duarte a 31 de Janeiro de 1877. Esta Senhora, tendo casado com um artista, conservou-se sempre muito limpa, muito delicada e de bons sentimentos.

José Maria, filho de Luís da Conceição Veloso de Miranda Pereira e Matos, e de D. Rosa Cândida Veloso Pereira Barreto, da Quinta do Rato, neto paterno de Bernardo António Veloso de Miranda Ferreira e Matos

e de D. Rosa Pereira de Brito, de Barqueiros, e materno de Francisco Veloso de Sá Barreto e de D. Ana Pereira de Brito, nasceu a 21 de Maio de 1854.

João, filho dos mesmos, nasceu a 20 de Maio de 1855.

Emília, idem, nasceu a 20 de Abril de 1856.

Doroteia, idem, nasceu a 21 de Outubro de 1857, falecendo a 16 de Novembro de 1911.

Torquato, idem, nasceu a 21 de Março de 1859.

Maria José, idem, nasceu a 20 de Maio de 1860.

Luís, idem, nasceu a 27 de Agosto de 1861.

Luís (2.º), idem, nasceu a 28 de Fevereiro de 1863.

Maria da Conceição, idem, nasceu a 24 de Agosto de 1864.

António, idem, nasceu a 26 de Maio de 1867.

Maria Henriqueta, idem, nasceu a 28 de Abril de 1866.

Maria do Carmo, idem, nasceu a 22 de Outubro de 1868.

Gonçalo, idem, nasceu a 20 de Dezembro de 1869. Ainda conheci João, António, Emília, Maria José, Henriqueta, Doroteia,

Maria do Carmo. Cedo estas Senhoras ficaram órfãos de mãe. O Pai, homem cheio de prestígio e boas qualidades, soube dar-lhes boa educação.

Eram trabalhadoras e de óptimos sentimentos. Com elas estive como Pároco, estando os irmãos fora daqui. Eram, nessa altura, quatro.

Cultivavam directamente a Quinta, que lhes permitia ter dez a doze cabeças de gado bovino. Os prédios dispersos andavam arrendados. Tinham criadas, criados e jornaleiros. É interessante a ordem e disciplina que havia naquela família e casa, administrada só por Senhoras: cada uma dirigia a cozinha em sua semana; outra acompanhava os trabalhadores no campo; outra acompanhava a criadita que diàriamente recolhia a fruta do pomar. A que estivesse de folga e todas, nos momentos vagos, cuidavam das roupas brancas. Cada uma tinha sobre si o cuidado de fazer e preparar a roupa branca de um dos manos, quando eram estudantes e depois, quando dois estavam colocados, um na Alfândega, outro nas Obras Públicas. Cozinhavam muito bem e em especial D. Maria José era mestra em fazer doces, principalmente para chã. Em armário de grandes prateleiras tinham variados

lotes de roupa das camas; e, em lugar especial, os lotes para quando houvesse doença.

Na sala de visitas havia um grande armário. Abertas as portas deste, ficava um bellissimo altar. Tinha servido em tempos turvos da disciplina eclesiástica na Diocese. E nele havia uma linda imagem de Nossa Senhora da Conceição, por quem sempre os antepassados tiveram muita devoção. Na cozinha havia dois grandes bancos tradicionais a ladear a lareira. Num sentavam-se as criadas; noutro as Senhoras, a fiar nos serões de inverno, recolhendo cada uma separadamente, as suas maçarocas e fazendo à parte e contando cada uma as suas meadas.

Como vi todas estas minudências? Indo pagar a visita cerimoniosa que, como Pároco, ma fizeram, receberam-me òptimamente e o *mano* João, que aos sábados em regra vinha a casa, percorreu toda a casa e ele e Senhoras iam descrevendo os seus costumes e vida, com que as Senhoras tinham certa vaidade, em meu entender, muito justa. Era sabido que a *mesa* de criados e jornaleiros era *muito boa*. Eram muito amigas dos pobres vizinhos, principalmente quando doentes. Quando matavam os suínos, as papas e serrabulho distribuíam-se pelos pobres. Confessavam-se,

toda a gente o sabia, de três em três meses, porque o Papá assim o determinara quando meninas. Por aquela época em que não tinha sido publicada a Incíclica de Pio X — *Quan Singularis* sobre a Sagrada Comunhão, havemos de concordar que isto era muito. Nunca se iam confessar (duas ou três em cada dia) sem que na véspera mandassem uma criada saber se o Snr. Reitor estava no dia seguinte e as podia atender. Nisto ficaram no primeiro encontro com o Pároco, porque não lhes fazia diferença qualquer outro dia e sabiam que o Pároco precisava de sair, para funerais, etc. Sempre assim fizeram, diziam, porque o Papá assim as ensinou.

Naquela casa e apesar de trazer sempre muita gente nos serviços agrícolas, não se falava de ninguém; principalmente do Snr. Reitor. Era outra lição do Papá; ainda outra lição do Papá que nunca esqueceram no meu tempo de Pároco: o Pároco ia tendo sempre fruta óptima e variadíssima do seu pomar. Praxe que aliás seguiam muitas outras famílias daqui, tanto ricas, como menos abastadas.

Todas estas minudências e velharias parecerão ás meninas de nossos dias, borolentas e arcaicas; mas algumas delas, ou quase todas estas minudências são óptimas lições

que, em nossos dias, ainda tinham lugar. Uma coisa havia, diziam, que prègavam ás criadas, não queriam que se poupasse em sua casa o sabão. De facto, todas as mulheres que serviam no Rato, eram em regra limpas.

Hoje, a Quinta do Rato, pertence ao Senhor Dr. João Beleza Ferraz que a herdou por testamento de suas primas — as Senhoras Velozo.

Sobre a família do Rato

Tanto João Velozo como as Senhoras, suas irmãs, tinham um fraco: — a *prosápia dum quinto avô* que tinha sido áulico do Rei e que possuía a Quinta das Necessidades que ainda agora anda na família, e fundara o Mosteiro das Necessidades, Barqueiros, lindo templo que hoje serve de paroquial. Em qualquer conversa vinha-lhes frequentemente a propósito falar do quinto avô. Era geito de que alguém se ria mas não ofendia ninguém...

Andava na tradição que um antecedente desta família, D. Sapo, tinha o direito (?) de coabitar com todas as noivas dos seus domínios antes de ocuparem o seu lugar como raíñas do novo lar... Repugna tão torpe indignidade...

Mas, coisa parecida, os sarracenos exigiam dos Espanhóis: Consistia na entrega anualmente de cem donzelas núbis. S. Tiago, montado em cavalo branco, ajudara miraculosamente os Espanhóis a repudiar semelhante iniquidade, vencendo de vez os sarracenos. Daí a devoção dos Espanhóis, e poderá dizer-se de toda a Península Ibérica, por S. Tiago, vendo-se a sua imagem montada em ginete branco, « Ano Cristão » traduzido pelo P.^e Matos Soares, volume V, de Maio, a págs. 554 e seguintes.

As mulheres portuguesas, sabem, graças a Deus, quanto devem da sua dignidade à Igreja e a Deus. Uma ou outra parece que têm saudades do tributo que os sarracenos e o D. Sapo exigiam. Deus as converta!...

Uma sineta que na casa do Rato chamava o pessoal para as refeições veio da Capela da Quinta de Anhel, Sandiães, que foi alienada por João Velozo.

— Porque ficaram solteiras todas estas Senhoras, desaparecendo assim esta família? Não faziam mistério do caso: Reconheciam a necessidade de uma, pelos menos, constituir família e todos estavam na disposição de ajudar e dar todos os bens a qualquer uma que casasse. Mas nunca apareceu pretendente de

qualidade e *linhagem* que servisse... A Quinta e as propriedades dispersas, eram lindas; mas os irmãos a compartilhar na partilha da mesma (além dos que morreram) eram sete e os mannos não estavam com as mesmas disposições de ceder do que lhes pertencia a favor das irmãs. E assim não havia dote que tentasse pretendentes... É o meu parecer.

Várias Famílias

A 26 de Janeiro de 1760, foi testemunha num baptizado o Dr. Manuel Pinheiro do Vale, desta freguesia. Faleceu, solteiro, em Casalmelho, e tendo recebido todos os sacramentos, a 3 de Setembro de 1789. Foi sepultado abaixo do altar da Senhora do Rosário.

A 25 de Fevereiro de 1761 nasceu Custódia, filha de Domingos Gonçalves Picão e de Maria Francisca, de Seixomil.

A 19 de Novembro de 1781, nasceu Manuel José, filho de Domingos Francisco e de Ana Maria, do lugar de Casal-Velho. Foram padrinhos Fradique Lopes de Azevedo Pinheiro Pereira e Silva e D. Manuela Ozóry Silva Ponce de Som e Monte Negro, Senhores da ilustre Casa de Azevedo.

António, filho de João da Cruz Pias e de Maria Pereira, nasceu a 9 de Março de 1821, falecendo, sendo Padre, a 21 de Janeiro de 1914.

José, filho dos mesmos, nasceu a 5 de Novembro de 1822.

A 20 de Dezembro de 1822, casaram Miguel Bernardino Macedo Malheiro, alferes de Milícia do Regimento de Barcelos, filho legítimo de António Bernardino Ferreira de Macedo e de D. Ana Maria Alvim e Sousa, de S.^{to} André de Palme e assistente na sua casa da Quinta da Fiança, de Gondifelos, e de D. Maria Joana de Aguiar Pimenta Carneiro, filha de José António de Aguiar Pimenta Carneiro e de D. Ana Casumira (Sic) de Araújo Leão, da Vila de Barcelos e assistente desde criança em Salvador do Campo. Era sobrinha do Reitor Pimenta Carneiro (1).

(1) E deste casamento ainda me falou uma Senhora da Quinta da Fiança que vivia casada em Macieira quando fui despachado para o Campo. E ela me apresentou os parabéns por isso. Noutros tempos de moça em que as famílias nobres se visitavam anualmente, passou com a família, em grande cavalgada para a Quinta de Coritêlo e, desde que se verificou este casamento, batiam ao ferrolho, do Pároco do Campo.

A 24 de Novembro de 1827 casou António Francisco Paulinho, filho de José Francisco Paulinho, e de Maria Teresa — com Maria Rosa, filha de João Razões e de Rosa Duarte, de S. Martinho.

A 7 de Fevereiro de 1829 faleceu D. Angélica de Aguiar de Oliveira, de Barcelos, e assistente aqui.

A 1 de Outubro de 1831, casou José Pinheiro, filho de José Francisco e de Custódia Maria, de Lijó, com Mariana, filha de Maria Teresa e de Manuel José Velho, do Campo, Seixomil.

A 11 de Setembro de 1841, apareceu no caminho do Monte para a estrada da Portela, morto a tiro, assassinado com crueldade e sevícia, Manuel, filho de Custódia, solteira, do lugar da Igreja.

Joaquina Rodrigues, irmã do Rev.^{do} Reitor, faleceu a 10 de Setembro de 1853.

A 10 de Maio de 1864, nasceu Miguel, filho de Manuel Pereira de Brito, natural de Lijó, e de D. Maria Rita, do Campo, morando em S. Sebastião, Lijó; neto paterno de Josefa Maria de Freitas, e materno de Bernardo da Silveira Azevedo e de D. Maria José Cardiga Neto.

Jacinto, filho dos mesmos, nasceu a 28 de Fevereiro de 1867.

A 25 de Novembro de 1878, faleceu António Duarte Pinheiro, de Seixomil, filho de António José Duarte e de Maria Francisca Enes.

Manuel, filho dos mesmos, faleceu a 21 de Dezembro de 1882. Era de Vales.

Francisco, filho dos mesmos, de Seixomil, faleceu a 20 de Abril de 1894.

A 15 de Janeiro de 1887, Domingos José Barroso Pereira, Coadjutor do Abade de S. Pedro de Maximinos, baptizou Antónia, filha de Bernardo José Martins, de Geraz, de Moreira do Lima, Viana do Castelo, e de Maria Exposta, de Lanhezes, neta paterna de José Martins e de Rosa da Rocha. O P.^e Domingos foi depois Abade da Sé e professor do Seminário.

A 4 de Dezembro de 1793, faleceu João, ~~escrição~~ ^{cravo} de Francisco Pereira de Brito, do lugar do Rato, sem Sacramentos por se achar morto na cama e não haver notícia alguma de seus Senhores senão depois de morto.

A 20 de Abril de 1797 faleceu Antónia Marques, mulher do Capitão José Pinheiro do Vale, do lugar do Monte.

A 14 de Fevereiro de 1805 faleceu Domingas Pereira, mulher de Matias Coelho.

A 29 de Junho de 1905 faleceu Manuel António Alvarenga.

A 18 de Dezembro de 1812 faleceu Francisco João Enes.

A 10 de Março de 1813 casou João Fernandes, filho de Domingos Fernandes, e de Gertrudes Maria, da Vila de Rates (S. Pedro) com Francisca Maria, filha de Manuel Lopes e de Maria Rosa, do Campo.

Figuras Típicas

Um jumento e a política

Os velhos recordam-se ainda das últimas eleições da monarquia, quando estava no poder o governo presidido por Teixeira de Sousa.

Dum lado alinhavam-se: Progressistas, Franquistas e Nacionalistas; do outro lado: Regeneradores, Dissidentes-Progressistas e Republicanos. A luta corria renhidíssima. Disputavam-se os votos um por um; recorria-se à demonstração de necessidade patriótica de votar neste ou naquele Candidato; e, quando parecia útil, iam-se buscar personagens que viessem convencer qualquer votante adversário ou tremelicante.

Em última instância e estafado já e difamado o processo de nestas ocasiões os polí-

ticos prometerem mundos e fundos de melhoramentos desejados pelas populações e de gastarem litros de tinta vermelha a marcar estradas que nunca chegaram, nem jámais chegariam se não vingasse o movimento patriótico do 28 de Maio.

Em última instância certo político do Concelho recorria a uma arma terrível, que hoje diríamos, de efeitos atómicos. Alargava a bolsa e dava dinheiro... A um para pagar o serviço militar; a outros para um terno de paramentos; a outros para uma torre sineira... Nessa altura os votos de cada uma das duas facções na freguesia aproximavam-se: qualquer que vencesse nunca seria mais do que por três votos. Em certo domingo, à tarde, aparece aqui um emissário do político endinheirado, a oferecer, nem mais nem menos, do que dinheiro para o cemitério, que tão preciso era. «Segundo os seus cálculos» nesta freguesia contavam grande maioria de votos; mas que queriam ter o prazer de a levarem em «chapa»; e que, por isso deixariam dinheiro para a construção do cemitério e que se depositaria em mão de terceiro, de confiança das duas partes; que era óptimo melhoramento por vinte e poucos votos e uma só vez.

Antes de passar adiante: Ninguém contestou esta afirmação; mas no dia das eleições entraram na urna trinta e três votos e venceu-se por dois ou três. Foi a resposta. Mas reatando o fio...

O emissário referido, aqui e acolá, pela freguesia, espalhou a missão de que vinha incumbido e houve um ou outro que se sentia tentado a irmos todos ganhar o cemitério à custa do voto, deste direito e dever de consciência! Mas também houve quem respondesse. «Ainda que eu fique só, por mim, não me venderei...» «O cemitério faz-se-á quando poder ser e à custa de quem deva ser». Por essa ocasião o Ferreiro do Rato (João José Ferreira) tinha um óptimo jumento que acarretava ferramentas e o transportava no dorso à feira semanal de Barrozelas. Pois o Ferreiro era dos que lhe custava ver perder a ocasião de se fazer o cemitério e discutia, quando alguém lhe observou: «Quanto lhe custou o seu jumento»? — «Seis libras». Então cada um de nós, o Senhor, vale menos do que o seu jumento? — Faça-lhe a conta e veja que nos querem pagar muito a menos do que a um jumento! E então nós valemos o cemitério e os correligionários dele não valem nada?... Por mim, nunca me venderei por

coisa alguma. O Ferreiro ficou meditabundo e, por fim exclamou: «Tem razão». «Também eu não irei; ninguém se deve vender». E ninguém se vendeu.

O Germano

Germano Exposto, quando principiei a paroquiar o Campo, era o decano da freguesia, com os seus cerca de 95 anos. Exposto da roda de Barcelos, um pobre, limpo, viuvo e, nessa altura ainda muito lúcido.

Bastante alto, pobre de carnes, nariz um pouco aquilino e suíças reduzidas ao mínimo. Em certo dia, procurou-me para me entregar a sua certidão de baptismo, para que, à sua morte, o Pároco não tivesse dificuldades em lavrar o assento de óbito. Guardei-a. De facto, à sua morte, aproveitei os dados necessários e arqueei-a no arquivo paroquial. Era interessante ouvi-lo sobre factos e famílias da freguesia. Era um verdadeiro Tombo *vivo*, como lhe chamava um Colega muito culto e espi-rituoso o Snr. Abade Pais. Lembrava-se muito bem de ter acompanhado o P.^e Pias a Lamego e de ter comido rajões na estalagem do Marão. A estalajadeira tinha um suíno, morto recentemente e, atarefada com a abundância

dos hóspedes naquele dia, tinha o forno aceso e cheio de *pingadeiras* de grosso barro com quantas fibras o porco tinha. O apetite era tal que os hóspedes procuravam aproximar-se da porta do forno na ânsia de serem servidos o mais depressa possível, não importando os rajões estarem mal passados. De pão já não havia nenhuma migalha. Comeu-se o que foi possível, dormiu-se e, no dia seguinte, muito bem dispostos, seguiram a jornada.

O Germano prezava-se de ter sido companheiro de Pregadores e Padres, percorrendo o Concelho e os Concelhos circunvizinhos, quando eles iam prègar ou tomar parte noutros serviços religiosos. Eles a cavalo e o rapaz Germano a pé. Gostava sempre deste serviço; mas menos um pouco quando acompanhava Padres mais piedosos... Pedi-lhe que se explicasse. É porque, respondeu, estes só falavam de coisas da alma ou da religião; os outros, se encontrávamos alguma venda, era sabido: Mandavam vir vinho e trigo e diziam: «Come e bebe rapaz! E isto, está a ver, naquele tempo, era para mim do máximo interesse». A respeito da sua ascendência sabia pouco mais do que aquilo que constava da sua certidão de baptismo. Conheceu bem quem o amamentou por conta da

Roda. E foi-lhe dito que constava ser filho de fidalgo ou fidalga.

E dizia-lhe a *mãe adoptiva* que no princípio, recebeu uma ou outra esmola, vindas de certa casa muito fidalga, lá para leste desta freguesia... Ele nada sabia ao certo.

Os Agrelos

Os irmãos António, José e Domingos Pereira de Sousa (os Agrelos) todos casados, componentes como músicos, da banda de música da Silva, eram os dois últimos muito pobres, mas muito fiéis e óptimos recoveiros, podendo-se-lhes confiar valores e segredos. O José, principalmente, e a mulher, muito surda, pareciam simplórios, mas eram esper-tos e não haveria ninguém melhor para se desempenhar de missões que exigissem reserva.

O António era alfaiate e, andava sempre mais lavado do que os irmãos. A Snr.^a Maria, mulher do alfaiate da Gândra, era mulher limpa... Para o marido não perder tempo... era ela que comprava os cigarros que ele muito apreciava, e lhos ia fornecendo com *regra*. Era ele eleitor; mas para o seu voto ser contado como certo, era preciso falar à

Snr.^a Maria. Ela entendia-se bem com o seu António e tinha palavra, não faltava, procurando sempre orientar-se bem.

Honra lhes seja prestada!

À memória desta mulher bem orientada e de palavra — presto a minha homenagem.

O Tomé

António José Marques (o Tomé) gostava muito de ser regedor, e de trabalhar na organização e desfile de procissões. Não faltava quem, por isso, o metesse um pouco a ridículo, rindo-se com ele. Mas a verdade é que, neste capítulo, prestava serviços apreciáveis: Debaixo das suas ordens, tudo ia nas filas e marcando a distância conveniente. Nos prês-titos fúnebres, a mesma coisa. E as confrarias e associações, já partiam organizadas da Igreja para a casa mortuária, o que não se verifica em todas as freguesias rurais. Como regedor, posto em que a proclamação da República o veio encontrar, prestou, em meu sentir, óptimos serviços. Em tudo aquilo que dependia de si, houve sempre as máximas facilidades; e sempre se esforçou por conseguir do Administrador do Concelho as licen-

ças para procissões e mais serviços religiosos externos, proibidos por decretos ou ordem das novas autoridades . . .

O Manco sapateiro

Outro pobrezinho, muito manco mas mais monárquico do que o Rei . . . Naquele tempo em que os votos se disputavam um por um e, para muitos, a orientação dependia de favores recebidos ou a esperar, o Manco sapateiro (Manuel Barbosa) era uma figura de orientação nobre. Ninguém, perante as urnas, violentava a sua opinião. Era o que era — e sempre foi.

A Petrica

Francisca Exposta (a Petrica), pobre, com bastantes filhos, negociava em galinhas. Ia comprá-las às feiras de Barrozelas, de S. Julião de Freixo e até a Ponte do Lima; e nos restantes dias percorria as freguesias circunvizinhas, a comprar para vender depois em Barcelos, na quinta-feira.

Neste negócio trabalhavam dezenas de mulheres deste Vale do Tamel. A Petrica era muito pobre, mas incapaz de roubar cinco réis.

Mas, o que tinha de singular e raro, era os gestos que acompanhavam a sua conversa: Mãos, braços, cabeça, olhos — tudo entrava em trabalho quando conversava com alguma *comadre*. De longe se reconhecia, por tão completo gesto, o seu estado de alma... Ora crescia em bicos dos pés, elevando os punhos cerrados, ora se aninhava, quasi se sentando no chão e estendendo as mãos espalmadas, viradas para o ar.

Nunca vi gestos tão completos constantemente a acompanhar a conversa. E, inculta, conversava muito bem.

Os Pistolas

Quando vim para o Campo, havia aqui um casal de velhinhos, mendigos — os Pistolas. Claro está que o Reitor não recebia deles direitos paroquiais. Mas eles, que moravam lá na costa soalheirosa do Monte, levavam ao Reitor a primeira manada de ervilhas, gesto que este muito apreciava, jámais vindo quando as do passal, terreno mais fundo, ainda não floriam.

Uma curiosidade: quando fui confessar esta velhinha, para receber o Sagrado Viá-

tico, ela mandou a enfermeira buscar um crivo... por ser este o costume da freguesia de Cabaços, Ponte do Lima, donde era natural. Dispensei-a deste improvisado confessionário, exigindo apenas que escancarassem as portas da casa e se afastasse para nada ouvir.

A Maria Burreca, campeão da luta

Em nosso tempo de rapaz da escola, não havia entre nós, aldeãos, o jogo da bola nem corrida de bicicletas, etc.; mas, evidentemente, havia outros divertimentos que nos entretinham e entusiasmavam, desenvolvendo a musculatura, embora alguns desses divertimentos fossem muito rudimentares. Um deles, era a *luta*: Os degladiadores abraçavam-se, passando cada um o braço direito por cima do ombro esquerdo do contendor e o braço esquerdo por baixo do braço direito do mesmo contendor, unindo as mãos e cruzados os dedos em charneira, nas costas do contendor. Assim, preparados e previamente desembaraçados dos casacos, e todos os mais tornados espectadores, cada um empregava quanta força tinha para dominar o outro e mergulhá-lo debaixo de si. Não faltavam dos espectadores

gritos de animação pelo seu favorito e gritos estrondosos de aplausos quando ele vencia. A luta tinha a sua técnica e havia rapazes difíceis de vencer.

Seguras as mãos, tronco afastado quanto possível, pernas afastadas uma da outra, podia o adversário ter força suficiente para trazer pelo ar o lutador, mas ele, ao tomar contacto com o solo, batia com os pés e pernas afastadas como se fosse «burra» de serradores de Leiria. Havia lutas que duravam muito tempo e campeões que ninguém venciam. Esta brincadeira desportiva não era só de rapazes: Às vezes estendia-se à gente moça e até a velhos. Ora, aí por 1907, havia no Campo uma mulher, de regular estatura, pobre de carnes, óptima trabalhadora, por que era muito cuidadosa, tinha muita força e sabia fazer muito bem todos os serviços de lavoura. Como lutadora, ninguém se tinha com ela. Ela nunca provocava ninguém; e só muito rogada por pessoas amigas é que uma vez ou outra, nessa época, aceitava bater-se. Um ou outro valentão ou *bufão* que fosse para a luta, em poucos instantes estava estatelado no chão, de papo para o ar. Segunda luta, terceira luta e era, como a regra mandava, proclamada vencedora. O vencido tinha

de aguentar um chuveiro esfusiante de arrelhas de todos, durante o dia inteiro e, às vezes, prolongadas por largos tempos e sempre que vinha a propósito. Esposa de António Sousa, sofrendo actualmente muito do estômago, felizmente ainda vive e ainda tem muita força.

É a «Maria Burrêca», Maria do Souto, ou Maria Gonçalves.

A Cabanelas agradece a Deus a morte do marido...

Os pobres desta freguesia do Campo e da vizinha freguesia do Couto, nestes tempos, tinham uma óptima qualidade. Em geral eram fiéis, incapazes de roubarem um centavo. Viviam muito frugalmente, mas resignados e alegres. Não lhes faltava lenha em abundância para a lareira por que o Senhor José de Bessa permitia que a apanhassem do chão e na Quinta de fora, a qual caía em abundância; tinham rebanho, mais ou menos numeroso, de que colhiam a lã que os ajudava a vestir, e as crias que lhes rendiam uns mil réis. Vivíamos muito em contacto, pela proximidade que havia entre os lugares do Monte e de

Crestes com o Couto. O Couto nessa época, não tinha mercearia alguma, descendo bastante gente do Couto ao Campo, onde na mercearia de João Salgueiro, fazia as suas reduzidas compras. Um dia em que eu estava no passal com o P.^e António Fernando Miranda da Silva, onde quase diàriamente, nos encontrávamos trocando impressões proveitosas para a nossa orientação recíproca e ao mesmo tempo para desabafo indispensável, passou por nós a Snr.^a Ana Cabanelas, (Ana Correia) viúva de António Cabanelas.

Era um casal, paroquiano do Couto: Ele bastante alto, magricelas, com aspecto de adoentado; ela, atarrecada, morena e com aspecto de saudável... Ao passar por nós, dirigiu-nos a sua costumada saudação: «Boas tardes, meus Senhores! Como têm passado, Têm passado bem?» — Respondemos: «Muito obrigado, Snr.^a Ana. Muito bem. E voce-mecê, como tem passado também? Então Nosso Senhor levou-lhe o seu Antoninho?»

E ela, mãos postas e levantadas para o céu e olhos postos no céu igualmente, responde pronta: «Graças a Nosso Senhor! O Pai do Céu fez-me uma grande esmola! Toda a minha vida de casada foi um tormento: trabalhei como uma moura, poupei quanto pude

e nunca tinha dez réis para o que era preciso. Ele, preguiçoso, nada fazia e fumava tudo... Agora roço a minha partida de mato, tenho dinheiro para a fornada, para o unto e nada me falta. Vivo socegada e satisfeita. Graças a Deus! Sou muito feliz! Bendito seja o Pai do Céu! Agora rezo por ele e nada me falta». — «Mas, Snr.^a Ana, porque casou com ele? Porque o quis? Não sabia, não via como ele era?» — «Olhem, meus Senhores, as mulheres às vezes são muito doidas; eu fui muito tola: Queria casar com um, fosse quem fosse... Apareceu-me aquele, parecia-me muito bom e casamos. No dia seguinte, comecei a compreender que ele não prestava para nada porque era preguiçoso e fumava como uma furna de carvoeiro. Arrependi-me, mas era tarde. Agora, graças ao Pai do Céu! Bendito seja Ele! Sou muito feliz, vivo muito satisfeita». E de novo levantava as mãos e olhos ao Céu.

Que alma lavada, simples e resignada a da Snr.^a Ana! Observe-se que ela não era nenhuma imbecil, mas bastante esperta. Como a vida de tantos lares seria outra e neles reinaria a felicidade se as Senhoras seguissem um pouquinho da resignação da Snr.^a Ana Cabanelas.

Deus lhe tem pago largamente as suas modelares virtudes de esposa sofredora, não provocando questiúnculas com o seu Antoninho. Que belo exemplar de esposa cristã! Ficamos, como sacerdotes, edificados com as virtudes da Snr.^a Ana.

Confraria do SS. Sacramento

A confraria do SS. Sacramento desta paróquia tem um arquivo minucioso, interessante: Nele se descreve, entre outras coisas, todas as pratas que possui e servem ao culto, com o peso que cada uma tem e os réis que custou. À margem da descrição do turíbulo, naveta e da custódia, encontra-se esta nota: «Junot levou 1807». Deu-me que cismar esta nota, pois só depois de muita aplicação e reflexão é que conclui que os franceses haviam roubado estas alfaias e não a Junta como a princípio quis ler. A tradição diz que os franceses também levaram a rica cruz Paroquial, podendo-se apenas esconder e guardar o seu bordão, com que, depois, se fez a actual cruz, Paroquial. E de facto, o formato da cruz, parece bem que foi feita dum bordão. José Pias, de cerca de 90 anos, ainda muito lúcido, contou-me várias vezes as profanações sacrílegas

que os franceses por aqui praticaram, os quais acamparam no Souto de Quiraz e mobilizaram e comeram aí, um touro. Uns tios do José Pias foram testemunhas oculares destes factos e narraram-nos várias vezes à família. No arquivo, da mesma confraria está arquivada uma portaria ou ofício que, em nome da Rainha, intima as confrarias do SS. Sacramento cujos capitais não fossem inferiores a 400:000 réis (creio não errar, mas estou *neste ponto*, a citar de cór) que, de futuro, ficavam com o encargo de dar a cera precisa para a banquetta do altar do SS.; o azeite para a lâmpada, e tudo mais que a liturgia manda e é preciso para levar o Sagrado Viático aos enfermos. E de facto, a confraria sempre foi zelosa em cumprir com estes encargos. Os antigos fiéis não faltaram com géneros legados de azeite e medidas, à confraria para que ela pudesse desafugadamente cumprir com esta honrosa missão. Lamentável, muito lamentável foi, que alguns católicos com menos delicadeza de consciência religiosa, aproveitassem a legislação civil que últimamente permitia a remissão de tais foros e à remissão recorressem. A confraria assim viu-se muito diminuída nas suas possibilidades. Não respeitaram sequer o que pagavam ao Senhor, a quem devem tudo. Não

lhes louvo a resolução, antes a lamento. E faço votos por que tenham, cedo ou tarde, um rebate de consciência que os leve a compensar generosamente aquilo em que diminuíram e defraudaram os rendimentos da confraria do Senhor. A confraria do Senhor, no século passado, ainda mandou construir a «Casinha do Senhor», que fica a leste da Igreja e separada desta unicamente pelo adro. É dependência muito útil. Do arquivo já referido da confraria constam os nomes e quantias das pessoas que concorreram para levantar este edifício.

Confraria das Almas

Quando entrei no Campo esta confraria e a do SS. Sacramento eram as únicas que conservavam vida regular, podendo observar e observando sempre os seus estatutos. As confrarias de Nossa Senhora do Rosário e a do Espírito Santo tinham morrido pela má e infiel administração do seu último tesoureiro

Tradições, lendas e superstições

Esta freguesia, desde o princípio, teve relativa importância, pois tempo houve em que até o Sagrado Viático, para a gente das freguesias vizinhas de Lijó e Quiraz, se vinha buscar aqui por não haver nos seus Sacrários a Sagrada Reserva. Encontrou apontamentos deste facto o Digno Abade em Lijó, P.^e António José Fernandes. Documento que não cheguei a ler.

Foi na Igreja do Divino Salvador do Campo que se reuniu todo o Clero do Arciprestado de Barcelos para desagravar Pio IX do esbulho dos Estados Pontifícios. O Reitor António José Vieira, foi o orador, terminando o sermão com um viva ao Papa e Rei. Disto foi testemunha o culto colega, Snr. Abade Pais que me descreveu este facto. No fim um Colega observou-lhe: vê lá! erraste?

Lendas: corria, como muito certo que, no lugar de Casalmelhe, houve um convento de freiras. Diante da portaria do Convento existia um grande carvalho, onde morava um bicharoco, chamado « basilisco ». Todas as freiras que olhassem para o bicho morriam imediatamente . . . E assim, depressa ficaram reduzidas a três, que fugiram para o Convento do Salvador, Braga. Havia na sacristia paroquial, na parede, em nicho apropriado, uma imagem do Divino Salvador, em barro, creio eu, e que diziam tinha vindo da fachada do Convento quando este ficou sem freiras. Parece-me que tal imagem, desdenhada por muitos, algum valor tinha. Também corria, como certo que ao portão da Quinta do Rato, numa multissecular carvalheira aparecia, nem mais nem menos e à meia noite, o próprio diabo. Creando nesta carvalheira, já carcumida, um enxame de abelhões, os Senhores da Quinta mandaram, como habitualmente se faz, queimá-los. De noite, a brisa avivou o lume e quem passava . . . oh! pernas . . . que é o diabo. Em certo dia fui chamado de noite para administrar a Extrema Unção a um doente do lugar de Merouces. No regresso, não tirei a sobrepeliz, e, arrimado ao marmeleiro, quando passava ao portão da Quinta do Rato, lobri-

guei a uns metros de distância, o perilampo da lanterna que trazia o José Secundino que vinha de jogar as cartas, de que era apaixonado. Ao deparar com a sobrepeliz, adrapejar com o vento do norte e um geitito de meus braços, o homem desanda e correu como gazela espavorida. No dia seguinte, ainda pálido e voz embargada, jurava e trejurava que, agora sim, tinha a certeza que ao portão do Rato aparecia coisa ruim; pois, ele que não era medroso, nem acreditava muito em tais coisas, viu, com os seus olhos, e não estava a sonhar. Eu acrescentarei apenas: ele também não estava manco!... No dia seguinte, o dono do estabelecimento, João Salgueiro, contou-me o susto do José Correia (o José Secundino). Expliquei-lhe que eu mesmo tinha sido a tal coisa ruim. E isto serviu para larga risota e uma boa parte se deixar de tais crendices. Quando muito, todas essas coisas ruins que andam na imaginação do povo, tem origem semelhante a este facto.

Superstição: Remédio infalível (são sempre infalíveis os remédios supersticiosos...). Entre certas pessoas corria, muito em segredo, que era remédio infalível para acabar em alguém com a inclinação para roubar, dár-lhe a comer um rato. Havia aí um rapazito que

tinha o sestro acentuado de ratoneirar pelos vizinhos. A mãe sentia grande pena e desgosto. A conselho duma comadre, muito amiga, caça um rato, esfola-o, prepara-o e frita-o com ovos; e apresenta-o ao rapaz como sendo um gordo gaio. O rapaz chamou-lhe um figo. A mãe ficou inteiramente confiante. Mas o rapaz não diminuiu as suas actividades de ratoneiro. Se, em vez do rato empregasse a vara, de que o apóstolo fala, devia ter sido mais feliz... Este facto segundo me contaram, passou-se no meu tempo de Pároco.

A Campainha

O toque da campainha das Confrarias é episódio digno de ser registado.

Nesta freguesia, e circunvizinhas, as confrarias, quando tomavam parte nas procissões ou se incorporavam no préstito fúnebre de seus confrades, faziam-se representar largamente: Cruz, bandeira (ou tudo ou uma das coisas, conforme o caso), ceroferários, o juiz com a vara e, pelo menos, seis mordomos (três em cada ala) de tochas e ainda mais um com a

campainha. Campainha grande, segura por cabo de metal que se biforcava em dois, com forma de meias luas. O cabo da campainha metia-se entre os dedos indicador e máximo da mão direita e fechando-a, assim ficava bem segura. À missa, todas as campainhas das respectivas confrarias badalavam conforme o costume litúrgico. Durante o ofício de sepultura, na Igreja, pelo caminho e nas orações finais e do cemitério, continuavam a badalar compassadamente. O portador dela estendia perpendicularmente a mão que a segurava: Com um impulso brusco, levava o braço à altura dos olhos e assim retinia o primeiro toque; depois dum compasso de espera, novo movimento brusco do braço até ficar atrás da orelha, desferindo o segundo sinal; segundo compasso de espera, e o braço descia com força à segunda posição; novo compasso de espera até que descia com toda a força à posição donde partira...

É um episódio digno de observação pela perícia que o portador da campainha exhibe. Por esta região ainda existia o tradicional e venerando costume de todos pertencerem a todas as confrarias da freguesia; e de ainda muitos se fazerem confrades das melhores confrarias das freguesias circunvizinhas, como

de Lijó, de Quiraz, de Cossourado, etc. (1). Como era por estes católicos bem compreendida a necessidade dos sufrágios e das graças extraordinárias que as confrarias concedem aos seus confrades!... E como era bem entendida e compreendida, sem esforço, a doutrina do cooperativismo. Deste modo, os pobrezi-nhos, satisfazendo pequenas cotas anuais, à sua morte, tinham tão largos sufrágios como os ricos; e a maior parte dos abastados e ricos nunca teriam tão largos sufrágios se não pertencessem a estas associações de Previdência. Que belas e sábias instituições! Além desta parte espiritual, que era inegavelmente a principal, as confrarias ainda eram um auxiliar importante pelo lado financeiro: Emprestavam os seus capitais a juro módico, defendendo os povos da uzura. Os estatutos completos, concisos e claros eram bem compreendidos e por todos dedicadamente observados, sem essas

(1) E deste modo em alguns funerais juntavam-se três, quatro e mais confrarias. Todas elas traziam campainha e todas tocavam com os mesmos movimentos... Aquilo, por inédito, para mim, era interessante.

Parece-me que ainda hoje qualquer observador curioso deveria achar interessante esta praxe, presenciando o descrito toque das campainhas.

minudências prescritas, mais policiais do que cristãs que o *liberalismo* nos trouxe e que, com ares de protector, tudo degenerou e estragou, estabelecendo o seu descrédito, e justa desconfiança dos fiéis, com pretextos de protecção de que elas não careciam; tolhendo-lhes os movimentos, consomem com exigências de papelada inútil e vão sugando o sangue das mesmas confrarias, estiolando-as, matando-as lentamente... Elas, entregues aos seus Estatutos e à sombra do Direito Canónico e da Santa Igreja que as fundou e animou, dispensavam bem tais protectores...

Variedades

A tirada... quase tragédia

Os proprietários tinham os seus criados e jornaleiros, mais ou menos certos; mas em alguns serviços, como *malhadas*, *debulhas*, *arrancadas de linho* e *tiradas* chamavam muita mais gente e até os vizinhos vinham ajudar sem contar com o seu pessoal fixo. Nesses dias era o «*rancho*» melhorado, chegando até a abater-se um anho ou carneiro.

Fixava-se o dia com antecedência e de harmonia com os vizinhos, para que se auxiliassem e não estorvassem uns aos outros. Estes ajuntamentos de vizinhos estreitavam cada vez mais a amizade entre si, que de longe vinha. A *tirada* era serviço pesado: Consistia em tirar das cortes e do quinteiro as camas do gado, «*enrumar*» tudo fora dos

portais . . . Que o caminho tinha espaço para tudo. Fazia-se, naquele tempo, duas vezes por ano: Para preparar a adubação para os cereais de pragana; e depois para as sementeiras do milho. Naquele tempo, ainda por aqui não eram conhecidas as nitreiras. Quem, nessas alturas do ano, percorresse a freguesia, mas principalmente quem descesse da Igreja até Seixomil, encontrava grande quantidade de «*rumas*» enormes de estrume, primorosamente alinhadas, cada uma junto da casa de seu dono. Eram o *brazão* e *armas* da respectiva casa e que, fertilizando a terra, eram a esperança da boa colheita que havia de encher tulhas e caixas, dando pão para todos, ricos e pobres; para a gente de mãos calejadas e para os fidalgos.

Quando, ao declinar do dia, corria uma dessas tiradas muito perto da Igreja, começou-se a ouvir gritar lá para o norte: «*Aí vai danado!*» . . . «*Aí vai danado!*»! . . . Tudo parou, preparando-se os homens e as mulheres mais resolutas com enxadas e gravetas de ferro para abaterem o cão danado que aí devia vir, visto ser o caminho principal. Mas, em vez do cão, aparece um guarda fiscal . . . Que tinha havido? Lá pelo norte do Concelho, nessa época, trabalhava-se clandestinamente

no fabrico de lumes de pau com enxofre «espera-galegos». Os guardas haviam apreendido três grandes fardos de lumes que os portadores haviam lançado ao chão e fugiram.

Todo aquele povo instintivamente se revoltou contra os guardas que se juntaram (eram três) aos fardos. Entretanto alguém puxava o arame do sino, tocando a rebate. Juntaram-se centenas de pessoas da freguesia e circunvizinhas, insultando os pobres guardas e incendiando, na sua presença, os fardos. Aquilo esteve a terminar em tragédia. Valeu, nessa conjuntura, a prudência do Comandante desse piquete da guarda fiscal, Snr. Tenente Júlio Faria. Depois, veio a reflexão, mas era tarde... Várias pessoas foram apertadas em inquérito demorado. Tinha incendiado os fardos um homem alto e de suíças; e o inquiridor investia com Francisco Belchior que de facto não tinha sido quem praticou o delicto. Não lhe faltou susto de ter de pagar injustamente. É que, quem incendiou, teve o cuidado de deitar abaixo as suíças. E quando o investigador pretendia saber quem tocara o sino, ninguém com verdade lho podia dizer, a não ser o autor; mas esse teve o arrojo de espalhar, nessa altura, que fôra o Pereira (o Mouro) que de facto era quem mais vezes tocava o

sino e ajudava à Missa; mas, nesse dia, não passara para lá e, na altura da investigação já tinha morrido. Tudo isto, quando vim para o Campo, tinha-se passado à poucos anos. O desfecho podia ter sido uma grande desgraça. Não devemos esquecer nunca que é devido todo o respeito pelos manutentores da ordem. E que ninguém deve ir na onda popular ululante, sem maduramente reflectir. Há valentias que se pagam muito caras... Desta, que lhes rendeu apenas susto, escaparam. Serviu de lição.

A ronda típica

O Campo fica no coração do Vale do Tamel, que se estende desde a Portela (S. Fins de Tamel) até S. Veríssimo de Tamel (na direcção norte sul); e desde Carapeços até Roriz, na direcção poente-nascente. Na primavera é encantador o cenário que se desenrola, se olharmos daqui pela encosta de S. Fins acima ou de Carapeços: Os pomares em floração, mais parecem um florido e enorme jardim com variadíssimas cores conforme a qualidade das árvores. Mais tarde aparece-nos o verde amarelo esvaído dos rebentos dos carvalhos;

e ainda depois, dos sobreiros que também marcam graciosamente o seu lugar; e finalmente vem coroar este encanto o oiro das laranjas por entre o verde das folhas da árvore que mais parece um andor que mão delicada e inteligente ornamentou. Bendita seja a Omnipotência e Bondade do Senhor.

Campo, pois, fica no fundo norte do Vale do Tamel. É esta circunstância que preciso de notar para que bem se compreenda a descrição da ronda. Estávamos na primeira quaresma que eu passava no Campo. De noite, acordo com enorme buziaria que ecoava por todo o Vale: Amedrontado, salto da cama e abro a janela. Era lá para a encosta de Carapeços... Ouvia-se distintamente uma voz que mais parecia de trovão do que de ser humano: Oh burro! vai-te confessar... Não sabes os mandamentos da Santa Igreja? Vai-te confessar burro e rompia uma orquestra estúpida de cornetas marítimas e latas, durante minutos. Repetia-se o estribilho e imediatamente rompia a tal orquestra. Tudo ecoava estrondosamente desde Carapeços a Roriz. Enchia todo este vale. E durou cerca de uma hora. Intrigado com o que aquilo significava, mal pude naquela noite reconciliar o sono. De manhã procurei informar-me...

«Ah! aquilo foi a ronda a alguém que ainda se não desobrigou.» Mas, observei eu, a quaresma ainda não acabou. — «Mas os Santos já estão cobertos; e quem deixa cobrir os Santos sem se desobrigar, leva a ronda.» Aquela voz medonha que se ouvia ^{era} ampliada por um funil de encubar vinho. Cornetas e latas velhas não fica uma quando assim é. E não falta um ou outro que, no fim da festa, ofereça um ou dois cântaros de vinho à música. Todos gostam desta festa, menos, em regra, o visado, cujo nome ninguém publicou no tal típico auto-falante. Mas todos logo *matam* quem seja. E alguma vez aconteceu que o visado, para desorientar, também saíu a encorporar-se na música e até oferecer um cântaro de vinho. Mas, no geral, as vítimas davam sorte . . . Inquiri ainda: Mas todos aqueles que tomam parte são cumpridores rigorosos dos preceitos da Santa Igreja? — «Nem todos; e até os mais preguiçosos no cumprimento dos preceitos, são muitas vezes os mais prontos nestas festanças.» E olhe que não é preciso nenhum convite para aquilo. Basta um sinalzito numa corneta que, em poucos minutos, tudo e todos estão a postos e a convergir para os lados donde partiu o sinal de alarme. Pelo que se vê, nestas rondas, dá-se o mesmo que com

as andorinhas: Ao raiar do dia começa a ouvir-se um ou outro trino, como quem dá o lamiré. Passados minutos, os trinos repetem-se já partindo de mais gargantas. Mas agora, não demora muito que rompa o orfeão de todas as hospedeiras da casa, embora sejam muitas.

Assim, esta ronda: Ouve-se o lamiré e, dentro em pouco todos os componentes improvisados aparecem convergindo para o lado donde partiu o sinal de alarme.

É isto a ronda deste Vale do Tamel. Sabido este costume, procurei guardar convenientemente o rol da desobriga.

Em certa noite, estava ainda a pé à mesa de trabalho quando começo a ouvir uma corneta débil, lá ao longe, e pareceu-me que o ruído duma lata. Pois de facto dentro em minutos aquilo incendiou-se: Lá para os lados de Casarmelhe parecia o mafarrico. Era uma ronda. Fiquei intrigado comigo mesmo e não percebendo como aquilo tinha sido. Mas, descobri o mistério depressa: O ajudante da missa, rapazito esperto, de quem eu nada desconfiava, enquanto me preparava para a missa, folheou o rol que deixei sobre a cómoda da sacristia e descobriu um que não tinha o *traço* ou risco de descarga, levando

a notícia a quem lhe encomendou o trabalho e não foi preciso mais nada (1). É de observar que o cavalheiro que sofreu a ronda tinha-se confessado e comungado fora da freguesia, mas não tinha comunicado isto ao Pároco. Como vêem, isto por aqui andava afinado. Mas esta ronda a que me refiro pôs a polícia em campo porque o visado apresentou a sua queixa.

Nesta ronda havia tocado uma corneta, cuja voz era conhecida de todos, pois entre as outras mais parecia um bombardino. O dono dela, felizmente ainda vivo era incapaz de a emprestar para tal fim. Mas uma criada emprestou-a por sua conta e risco. Esta corneta foi a cauda que o mafarrico deixou de fora.

Várias mulheres e rapazes foram chamados à polícia para averiguar quem soprou à possante corneta, mas a investigação foi a certa altura posta de parte. Foi o meio de terminar o enorme ridículo em que o denunciante caíu. Eu, acreditem-me, não meti prego nem estopa, apenas relato. É isto a Ronda.

(1) O meu amigo — Domingos da Cruz Pias, actualmente com armazéns de adubos, etc., na pedra do Couto, Barcelos, ... talvez se lembre quem era o ajudante de missa a que me refiro ...

Um erro de acústica...

Havia aqui um cavalheiro que, como eu, veio de fora. Era exageradamente amigo de dar à língua e tinha o estrebilho de, a propósito de tudo e de nada, dizer etc., etc., despejando em cada dia centenas de etc.

Um dia falou, ferindo o bom nome de certa pessoa. Os filhos desta aborreceram-se muito. Um deles, em certo domingo, ao anoitecer, encontrou junto da própria casa o maldizente. Perdeu a cabeça e deu-lhe umas valentes vergastadas pelo lombo.

O agredido gritou « Aqui Del-Rei » aflitivamente. Só depois de bem sobado é que apareceu um vizinho que, momentos antes, de si se tinha despedido. « Então, o Snr. Dias não me ouviu gritar? » « Não encontrou, a fugir, F. que me agrediu? » — « Eu ouvi, mas parecia-me para o norte; corri e só lá em cima é que concluí que era aqui e voltei a correr para baixo. Que pena eu ter entendido mal! Não encontrei ninguém. »

Como dizia o saudoso P.^e Campos Santo :
« Elas lícitas não seriam, mas válidas foram (1). »

(1) Em nossos dias um pároco do concelho de Barcelos, felizmente ainda vivo, agora no concelho de Viana do Castelo, rapaz novo, bom, mas com génio,

Dr. José Duarte Pinheiro

O Dr. José Duarte Pinheiro casou com D. Maria Celestina Ferreira Carmo e era professor no Liceu de Guimarães. Faleceu a 10 de Março de 1938, na rua de S. Gonçalo, Braga.

Já bastante doente, preveniu o seu primo, P.^e Domingos Rodrigues Neiva Duarte Pinheiro, de que como amigo o não deixasse morrer sem receber os Sacramentos, mas lhos lembrasse quando visse que eram necessários. O P.^e Domingos, inteirado do estado melindroso de saúde do primo Dr., correu a Braga, onde o Dr. se encontrava e perguntou-lhe a

foi irreverentemente tratado por um paroquiano, à porta da residência paroquial. O Pastor aplicou-lhe uns safanões... O homem foi-se embora e o Pároco começou a sentir remorsos da sua acção repentista... Não, assim é que não ficaria, nem passaria a noite; montou a bicicleta e pedalou até à cidade dos Arcebispos e Residência da rua de S. Barnabé. Atendeu-o prontamente o santo do P.^e Campos Santo. Ao desafogo, respondeu o Confessor. «Olha! Elas lícitas não seriam muito; válidas foram. Resa a penitência de X». E o nosso jovem Pároco veio dormir sossegado na residência paroquial de Adães.

quem desejava confessar-se, para lhe chamar o confessor que pretendesse. Que se confessava a ele e a ninguém era preciso chamar. E assim foi, o que muito comoveu e edificou o P.^e Domingos o qual lhe trouxe o Sagrado Viático, com consentimento e aplauso do respectivo Pároco; e lhe administrou a Extrema Unção e leu as orações da agonia. Este episódio, em meu sentir, fica bem relembrar-se.

O Dr. Pinheiro era bondoso, caritativo e um bom carácter. As ideias republicanas, que bebeu com as lições do seu mestre Dr. João de Freitas, no liceu de Braga, como se conclue, não inutilizaram os seus sentimentos religiosos que recebeu no lar paterno.

Zacarias Duarte Pinheiro

Faleceu, no Campo, a 8 de Fevereiro de 1924. Solteiro, era, como todos os Pinheiros, muito caritativo e tinha devoção especial com o Sagrado Coração de Jesus e Coração Imaculado de Maria. Na sua prolongada

doença, comungou muitas vezes; quando o fim se aproximava, comungou quase diariamente, sempre que ao Pároco foi possível. Muito lúcido e conhecendo bem o seu estado de saúde, em certo dia contou ao Pároco e ao bom enfermeiro e criado António Pereira que o fim devia estar perto, por que sentia tentações mais violentas do que nunca: Que tendo junto de si qualquer Sacerdote, ou olhasse para um lindo quadro de Nossa Senhora que estava na sua frente, as tentações desapareciam completamente e ficava sossegado e tranquilo. E que na manhã daquele dia, querendo fixar o olhar na referida estampa de Nossa Senhora, sentia mãos invisíveis que lhe amarravam e desandavam a cabeça; que precisou de pedir ao criado António que caritativamente o veio ajudar com as suas próprias mãos a dirigir a cabeça para poder ver a referida Imagem.

O criado confirmou que assim se passou... Combinamos só voltar a levar-lhe o Senhor numa sexta-feira, porque no dia seguinte, que era quinta-feira, o Zacarias sabia que eu precisava de sair. Na Quinta-feira, cedo bastante, antes da hora habitual de me levantar, bateu-se à janela do meu quarto. Falei. Era o António, dizendo que o Snr. Zaca-

rias pedia o favor de lhe levar o Senhor. Que mandou assim cedo para eu ter tempo e não prejudicar a minha saída. Ele criado não tinha notado que o Zacarias estivesse peor. Fui. Comungou com a habitual devoção e piedade. Não se esqueceu que o criado me fornecesse desinfetante que exigia eu usasse para me não contagiar. Depois da acção de graças a que o ajudei, explicou-me: «Ao contrário do que tínhamos combinado, entendi que hoje não devia deixar de comungar: É que foram tão violentas e tantas as tentações durante a noite inteira, que isto devem ser os últimos arrancos das tentações do diabo e até vai-me fazer o favor de dizer aos Snrs. Abade de Roriz e primo P.^e Domingos Pinheiro que eu lhes peço o favor de virem aqui passar a futura noite e revesarem-se consigo. O meu estado de saude não ~~me~~ *lhe* permite aguentar a noite inteira àlerta e eu não queria estar sem um Padre à minha beira, quando morrer. Com certeza, isto não passa da noite que vem.» Parecia-me que ainda o Zacarias teria vida para alguns dias, mas cumpri fielmente o que me fora recomendado. Os dois Colegas e bons amigos responderam que vinham e propuseram que ambos faziam a assistência ao doentinho até à meia noite; e mandariam o

criado chamar-me a horas de os render ; que me deitasse socegado. De facto, o Zacarias falecia pouco depois da meia noite, sereno e osculando a Imagem de Jesus Cristo.

Os dois Colegas, vendo que o fim do Zacarias se aproximava e sabendo do meu precário estado de saúde, quiseram poupar-me e permaneceram até ao fim, não me mandando chamar. Para mim, sempre foi evidente que neste caso se confirma a consoladora verdade de quanto vale a protecção de Nossa Senhora ; e de quanto o demónio respeita, à força, os ministros do Senhor. Haverá alguém que classifique este relato de pieguices ou lendas de velho caquético. Mas apenas afirmarei que isto se passou há mais de vinte e seis anos.

Contei este facto a várias pessoas, entre as quais ao orador apostólico — P.^e Mesquita, Abade resignatário de Ribeirão, Famalicão, o qual, como eu, ficou convencido de que neste episódio não há exagero algum, mas só a confirmação da doutrina consoladora da Santa Igreja: — O poder da Santíssima Virgem e do Sacerdócio Católico sobre o demónio.

A vida paroquial, se tem às vezes coisas aborrecidas e tétricas, também nela se encontram coisas belas que nos fazem transbor-

dar a alma de satisfação. E jámais neste Val de Tamel, em que os Párocos e mais Sacerdotes nos dávamos mais do que os melhores irmãos; e nos dávamos também com um numeroso grupo de paroquianos com quem vivíamos completamente identificados. No fundo da gaveta da secretária, arquivo a lembrança de episódios duma beleza moral inexcedível. Trabalhava-se, ria-se, brincava-se, mas nunca perdendo o aprumo moral, nem diminuindo o respeito e muito amor que os paroquianos nos dedicavam. É verdadeiramente assombrosa a dedicação, o amor e respeito com que nos tratavam. Mais do que uma vez esta nossa vida de intimidade com os paroquianos causou a admiração doutros Colegas que tomavam contacto com o meio.

Os referidos episódios ainda hoje são saudosamente lembrados por pessoas de categoria. Se houvesse tempo e disposição talvez não fizesse mal arrancá-los do pó onde jazem, embora com o perigo de serem taxados, alguns deles, como anedotas ou lendas... Nesta falange dos «Bárbaros do Norte», como engraçadamente nos taxou o Abade de Alheira.

Aires Gonçalves Neiva, numa fala que em reunião numerosa fez e a que este per-

tencia, prontificava sempre o Abade de Roriz, Manuel Féliz Ribeiro, espírito superior e a transbordar de bom humor, mesmo nas ocasiões mais críticas. Desculpe-me que apenas diga, por hoje, que é natural de Cervães; que aos dezoito anos tinha completado todos os preparatórios do Liceu, tendo sido aluno do Colégio do E. Santo em Braga e mantendo pela vida fora óptimas relações com gente de categoria.

Guilherme Duarte Pinheiro

Casou com Deolinda Neiva, de Vitorino dos Peães, Ponte do Lima. Faleceu a 10 de Abril de 1944, na sua casa de Seixomil, Campo, tendo deixado prole bastante numerosa. Foi um homem de prestígio e influência, raros no seu meio, e grande proprietário. Mas de tudo usou para bem. No seu tempo, todas as questões que surgiam, aqui se concertavam e compunham, não chegando nenhuma a ir para o Tribunal.

Os grandes e últimos melhoramentos da paróquia, como a estrada, reparos na Igreja

e residência paroquial, muito devem ao seu auxílio. Como este mundo seria melhor se por todas as freguesias houvesse destes homens bons !

Cândida Duarte Pinheiro

A única sobrevivente dos filhos de Ana Duarte Pinheiro (Picão) conserva-se solteira. Herdeira, como seus irmãos, duma boa fortuna e ainda herdeira de Custódia Duarte Paulino, gasta as suas actividades a bem fazer.

Herdou das casas Picão e Paulino os bens materiais, que são muitos, mas herdou também os belos sentimentos de carácter e caridade, prolongando assim as santas tradições de seus antepassados. Ajudando e animando muito seus sobrinhos que trabalham com denodo e brio exemplar no movimento da Acção Católica. O nome desta Snr.^a está ligado a todas as obras da Igreja. Que me perdoe a sua modestia esta ligeira referência. Mas, em homenagem às qualidades da antiga família Picão, que há duzentos anos já constava dos rois da desobriga desta Paróquia, e como gratidão pelo muito que, como Pároco, devo à referida família, permita-me que deixe aqui estas referências, calando muito do que se podia dizer.

P.^e António da Cruz Pias

A família Pias é das que há muitos anos dava Padres à Igreja. Conheci ainda o último Sacerdote desta família, P.^e António da Cruz Pias que faleceu de 94 anos. Velhinho, era muito amigo de servir os seus Colegas e de lhes ser prestável. Possuía qualidades únicas, fisicamente falando, e segundo eu creio, assim, dizia: Nunca em sua vida tivera frio, se não nas mãos, e esfregava-as uma na outra. A sua indumentária era sempre esta: Calças largas de ganga escura e casaco de baeta e sem colete, que só usava em dias solenes. Ceroulas e camisolas, internas ou externas, nunca teve. Nunca sentiu dores. Quebrou uma perna ao descer da escada. Qualquer curioso endireitou-lha e doeu-lhe tanto como se fora um fueiro, na sua expressão. E ficou regular; pouco se percebia ao caminhar. Ao rezar o Ofício Divino ou a Santa Missa, lia muito devagar, porque repetia as palavras com a preocupação, parece-me, de pronunciar bem.

Se cantasse a Missa, ia mais depressa porque não repetia sílabas nem palavras. E, como não fazia sacrifício em estar em jejum até tarde, os Colegas aproveitavam várias vezes o favor dele lhes cantar as Missas das festas.

E ele até gostava. Na alimentação era o mais frugal possível... Ao pequeno almoço, sempre tarde, porque celebrava das nove para as dez horas, tomava dois ou três cálices, pelo menos, de água-ardente e o miolo de um pão de trigo de pataco, que naquele tempo chegava para fazer uma refeição a qualquer homem que comesse bem. Ao jantar comia o caldito e sempre uma batelada de couves com bacalhau. Nessa época, ainda entre nós não se cultivavam com abundância as batatas, como acontece hoje. Um pequeno copo de vinho chegava-lhe bem. À noite, tomava um litro de água tépida. Era o seu chá. E assim, nunca teve sombra de doença, além da perna quebrada, até aos 94 anos. E apesar de matar o bicho, abundantemente, como ele dizia, com água-ardente, na sua assinatura não apareciam indícios de «delirium tremens».

Os médicos da época não compreendiam. Parece que era um caso anormal. Quando assistia a qualquer jantar, achava-o òptimamente cozinhado se as iguarias estivessem bem cozidas; a cozinheira não prestava se algum prato viesse mais rijo. A rezar o breviário levava-lhe muito tempo porque, como fica dito, repetia sílabas e palavras. Um dia em que o surpreendi a começar a recitação

do breviário gastou cerca de quinze minutos a dizer a oração «Aperi Dominē». Ofereci-me para requerer em seu nome a comutação do Ofício. Agradeceu mas não aceitou, dizendo: «Não faz minga. Eu não tenho mais nada que fazer; dita a Missa, até me entretenho rezando. Se chegar ao fim do dia e não tiver acabado, não sou obrigado a mais; «ad impossibilia nemo tenetur...»

E assim teve de ser. Mas o seu raciocínio, em meu juízo, estava certo. Foi a pé daqui a Lamego para se ordenar, levando como companheiro — o leigo Germano exposto, da sua idade, que ainda conheci. Na passagem do Marão, esfomeados, comeram numa estalagem, ele, companheiro e outros Colegas do Norte, muita força de rojões, numa sexta-feira, por não haver absolutamente mais nada que pudessem comer. O Cisma Bracarense obrigou-o fiel à Santa Sé e à boa doutrina, a este sacrifício, com que se orgulhava. Foi e veio a pé e chegou menos cansado do que outros que foram e vieram a cavalo. Aos 94 anos de idade deu-lhe a primeira doença.

Ficou imobilizado, sem fala, mas quando lhe administrava a Extrema-Unção, não se esqueceu de me apresentar as *costas das mãos*.

... Em um dia que visitei o doente, diz-me o sobrinho — José da Cruz Pias: «O tio está há dias sem tomar nada; não passa nada; vou oferecer-lhe aguardente. Que me diz?» — Faça como entender..., respondi. Foi buscar garrafa e cálice. Cálice na esquerda e garrafa na dextra, faz o gesto de quem pergunta se quer. A resposta foi — estender o braço prontamente em direcção à aguardente. E com auxílio e geito do sobrinho, bebeu. Pareceu-nos que melhorou; mas as aparentes melhoras depressa fugiram.

Os meus votos

É inegável que a gente desta freguesia, muito unida e dada entre si, era, em geral, de apreciáveis qualidades. Isto não quer dizer que não houvesse uma ou outra excepção ou falta; mas com isso não é ensombrado o brilho do conjunto. Como se verifica no primeiro capítulo destes respigos, esta freguesia foi berço de muitos Sacerdotes — as famílias mais ricas e algumas menos abastadas, durante centenas de anos, mantiveram esta honrosa tradição. Muitos dos que se honram hoje com terem o mesmo nome e com o seu parentesco, são ainda famílias exemplares e trabalhando no apostolado actual com denodo e brilho. Pois que no futuro, constituindo família, guiem alguns dos seus abençoados rebentos para os Seminários — Diocesano e das Missões — e reatem assim a Santa tradição de seus honrados antepassados.

O P.^e Bento José da Mota, hábil, bom orador e muito alegre, que foi Pároco de S. Paio de Antas, Esposende, como se lê no «Barcelos Além e Àquem-Cávado», era daqui natural.

O primeiro baptizado de varão que fiz no Campo foi o de Domingos, filho de Francisco Pinheiro Barbosa e de Maria de Freitas. Ordenou-se e quando nos seus princípios, depois de ter passado pouco tempo como prefeito do Seminário, estava a fazer óptimo lugar como Pároco de Barqueiros, Nosso Senhor chamou-o para si.

Francisco Chaves, filho de Domingos Carvalho e de Maria Pereira Chaves, criança que dava sinais de inteligência e de piedade, enquanto seu Pai que estava no Brasil, veio buscar para lá a esposa e filhos, ficou a frequentar o Seminário Diocesano com bom aproveitamento. Deste quis passar e passou para o Seminário das Missões Seculares. Falta-vam-lhe poucas cadeiras do terceiro e outras poucas do 4.^o ano de Teologia quando partiu para o Brasil a juntar-se ao resto da família. Lá trabalhou no Paço do Senhor Bispo, sendo ordenado de Subdiácono a 20-6-46; de Diácono a 7-7-46 e de Presbítero a 14-7-46. Celebrou a primeira Missa na Varginha de Carangola a 15-7-1946. Neste momento emprega o

seu talento e actividade a trabalhar no Paço do Senhor Bispo de Caratinga e é, ao mesmo tempo, Coadjutor do Pároco da Cathedral.

Creio que é actualmente o único Padre existente dos filhos desta freguesia. O Seminário dos Padres Missionários do Espírito Santo é actualmente frequentado por Manuel Francisco Fernandes do Vale, filho de José Duarte Vale e de Margarida Fernandes.

Domingos Salgueiro da Mota, filho de João da Mota Barbosa e de Maria de Jesus Salgueiro; é tri-sobrinho do padre Bento da Mota; e João Gonçalves Casaes, filho de Domingos Rodrigues Casais e de Rosalina Gonçalves Ralha.

ÍNDICE

	Págs.
COMENTÁRIO PREAMBULAR	7
DIVINO SALVADOR DO CAMPO	11
A desobriga dos Párcos	29
VISITAS E APRECIACÕES EXARADAS NO LIVRO PELOS VISITADORES	30
FAMÍLIAS NOBRES DA PARÓQUIA	53
Casa do Rato	61
Sobre a família do Rato	69
Várias famílias	71
FIGURAS TÍPICAS — Um jumento e a política	76
O Germano	79
Os Agrelos	81
O Tomé	82
O manco sapateiro	83
A Petrica	83
Os Pistólas	84
A Maria Burreca «câmpião da luta»	85
A Cabanelas agradece a Deus a morte do marido	87
Crestes	53

	PÁGS.
CONFRARIA DO SS. SACRAMENTO	91
Confraria das Almas.	93
TRADIÇÕES, LENDAS E SUPERSTIÇÕES	94
A campainha	97
VARIEDADES — A tirada... quase tragédia . . .	101
A ronda típica.	104
Um erro de acústica...	109
Dr. José Duarte Pinheiro	110
Zacarias Duarte Pinheiro	111
Guilherme Duarte Pinheiro.	116
Cândida Duarte Pinheiro	117
P. ^e António da Cruz Pias	118
OS MEUS VOTOS	122

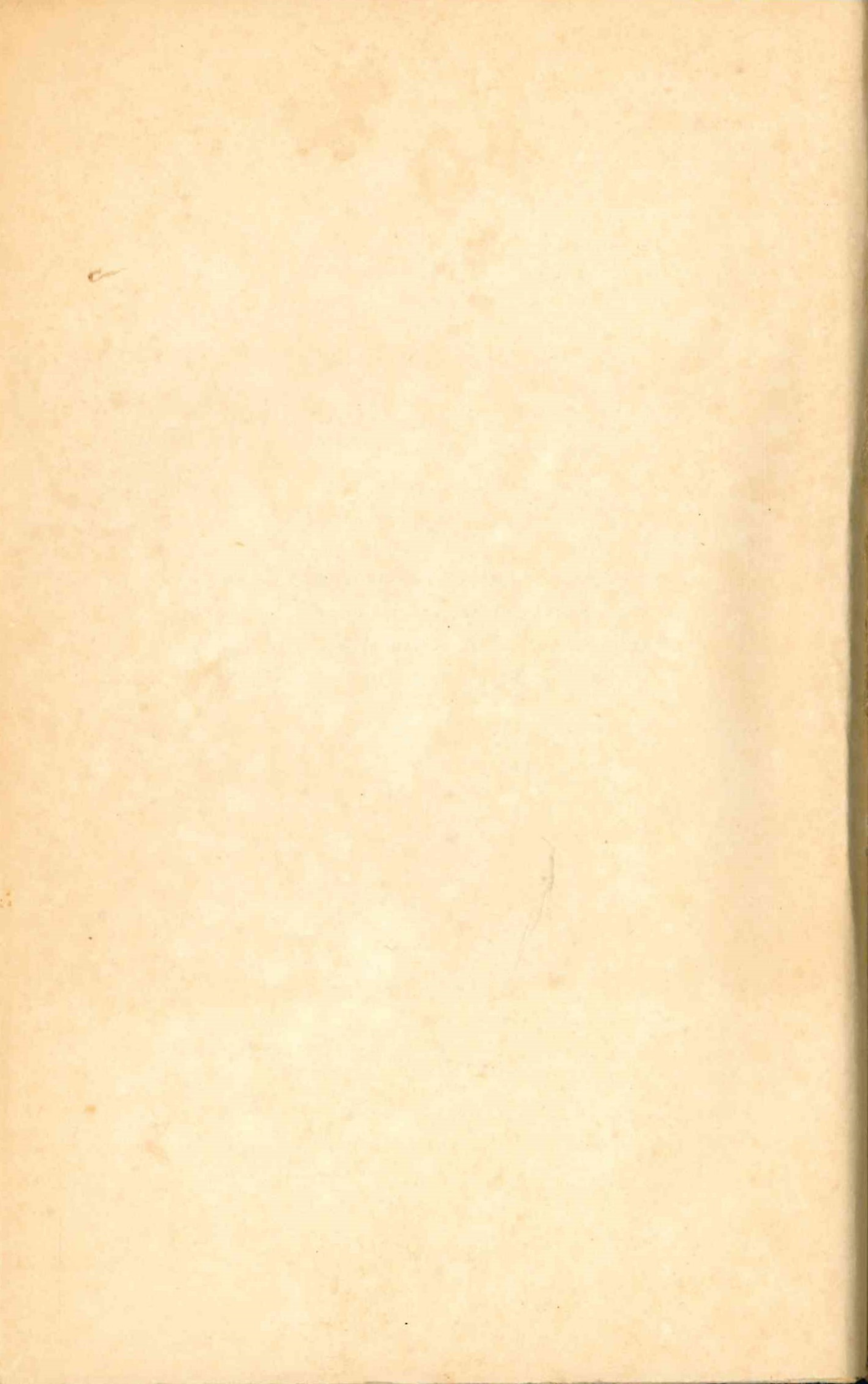
ERRATAS

PÁG.	LINHA	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
70	26	todos	todas
74	20	escrivão	escravo
90	1	paga	pago
101	16	gado	gado,
105	19	Igreja.	Igreja . . . ?
106	6	ouvia ampliada	ouvia era ampliada
113	18	O meu estado	O seu estado
113	19	não me permite	não lhe permite
120	2	Dominé	Domine

INDEX

Introduction	1
Chapter I	10
Chapter II	25
Chapter III	40
Chapter IV	55
Chapter V	70
Chapter VI	85
Chapter VII	100
Chapter VIII	115
Chapter IX	130
Chapter X	145
Chapter XI	160
Chapter XII	175
Chapter XIII	190
Chapter XIV	205
Chapter XV	220
Chapter XVI	235
Chapter XVII	250
Chapter XVIII	265
Chapter XIX	280
Chapter XX	295
Chapter XXI	310
Chapter XXII	325
Chapter XXIII	340
Chapter XXIV	355
Chapter XXV	370
Chapter XXVI	385
Chapter XXVII	400
Chapter XXVIII	415
Chapter XXIX	430
Chapter XXX	445
Chapter XXXI	460
Chapter XXXII	475
Chapter XXXIII	490
Chapter XXXIV	505
Chapter XXXV	520
Chapter XXXVI	535
Chapter XXXVII	550
Chapter XXXVIII	565
Chapter XXXIX	580
Chapter XL	595
Chapter XLI	610
Chapter XLII	625
Chapter XLIII	640
Chapter XLIV	655
Chapter XLV	670
Chapter XLVI	685
Chapter XLVII	700
Chapter XLVIII	715
Chapter XLIX	730
Chapter L	745
Chapter LI	760
Chapter LII	775
Chapter LIII	790
Chapter LIV	805
Chapter LV	820
Chapter LVI	835
Chapter LVII	850
Chapter LVIII	865
Chapter LIX	880
Chapter LX	895
Chapter LXI	910
Chapter LXII	925
Chapter LXIII	940
Chapter LXIV	955
Chapter LXV	970
Chapter LXVI	985
Chapter LXVII	1000

CONCLUÍDA A IMPRESSÃO DESTE LIVRO
NAS OFICINAS GRÁFICAS DA COMP.
EDITORA DO MINHO — BARCELOS —
: : EM 6 DE SETEMBRO DE 1951 : :



biblioteca
municipal
barcelos



34957

Divino Salvador no campo